



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE**  
**CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM SAÚDE DA CRIANÇA**  
**E DO ADOLESCENTE**

**CARLOS JOSÉ MATOS FRANCO**

**CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DE**  
**ADOLESCENTES**

**FORTALEZA – CEARÁ**

**2018**

CARLOS JOSÉ MATOS FRANCO

CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DE  
ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção da certificação de mestre em Saúde da Criança e do Adolescente. Área de Concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa.

FORTALEZA - CEARÁ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Franco, Carlos José Matos .

Confirmação da paternidade e sua repercussão na vida de adolescentes [recurso eletrônico] / Carlos José Matos Franco. ? 2018.

1 CD-ROM: il.; 4 ? pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 96 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado profissional) ? Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente, Fortaleza, 2018.

área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa.

1. Adolescente. 2. Pai. 3. Família. 4. DNA. I. Título.

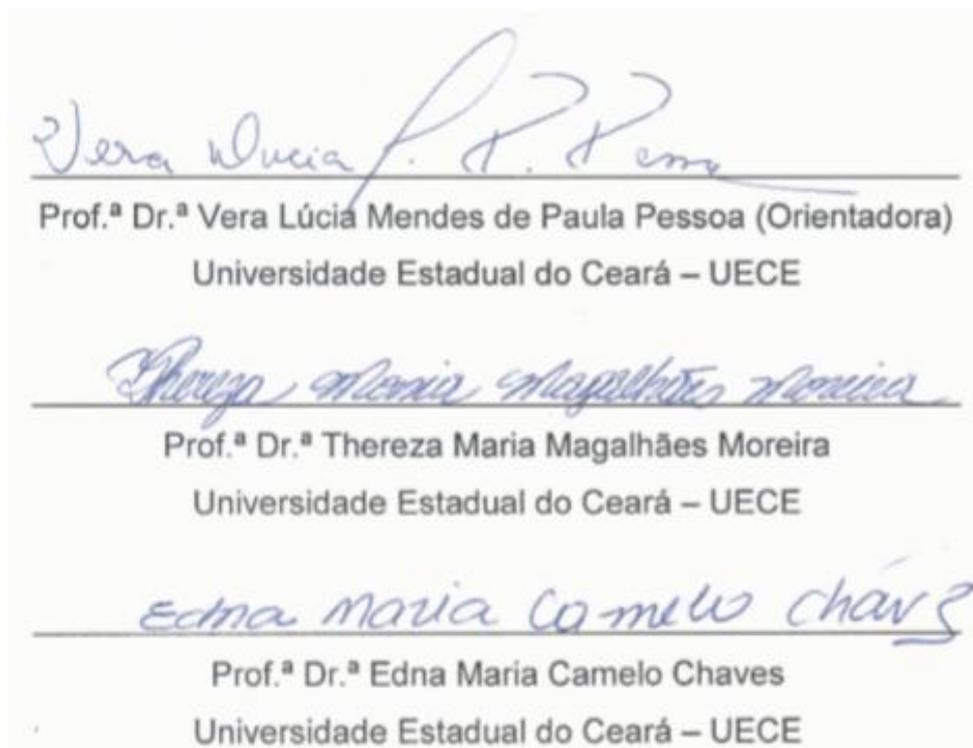
CARLOS JOSÉ MATOS FRANCO

CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DE  
ADOLESCENTES

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção da certificação de mestre em Saúde da Criança e do Adolescente. Área de Concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Aprovada em: 15 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA



A minha esposa, Cristiane, pelo incentivo,  
pela paciência e pelo amor de sempre.

A minha irmã, Rita, pelo apoio permanente.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pelo dom da vida.

À Professora Doutora Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa, pelos ensinamentos, pela cumplicidade e por me estimular a ser o pesquisador que agora sou. Dedico todo o meu respeito e eterna gratidão.

Aos professores do Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Estadual do Ceará, pelos conhecimentos transmitidos.

Aos Colegas do Mestrado, pela prazerosa convivência.

À equipe do Setor de Paternidade do Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN), pela dedicação às famílias.

Aos adolescentes e suas famílias que me receberam em suas casas, compartilhando alegrias, dificuldades e esperanças.

Aos funcionários do Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente, pela presteza e competência.

“Apenas os que dialogam podem construir pontes e vínculos”.

(Papa Francisco)

## RESUMO

A confirmação da paternidade na vida de um adolescente, como resultado de um teste de DNA, mediante ação de investigação da paternidade, devido ao não reconhecimento espontâneo do genitor, é, antes de tudo, uma busca por direitos e afirmação da filiação, com repercussões na vida do adolescente. A pesquisa objetivou conhecer a repercussão na vida de adolescentes após confirmação da paternidade biológica pelo teste de DNA. Pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, com adolescentes selecionados intencionalmente e que tiveram a confirmação de sua filiação paterna através do exame de DNA, em um laboratório de referência, na cidade de Fortaleza-Ceará, Brasil. Participaram da amostra 12 adolescentes na faixa etária entre 12 e 18 anos de idade. A coleta de informações aconteceu nas residências dos adolescentes, por meio de uma entrevista semiestruturada, a partir de três perguntas norteadoras acrescidas de outras indagações, através da proposta dialógica do estudo que teve o relato das experiências, dos sentimentos, dúvidas e expectativas dos adolescentes em relação às respectivas vivências frente à descoberta da paternidade biológica. O recorte discursivo foi organizado em 48 unidades de significado, que em momentos subsequentes, foram reduzidos e, por fim, emergiram duas categorias temáticas: Relacionamento entre pai-filho e Sentimentos e mudanças resultantes da confirmação da paternidade. Com o pedido da investigação da paternidade, sentimentos como felicidade, alívio e incerteza foram manifestados pelos participantes. A partir deste estudo e considerando que após a confirmação da paternidade repercute na vida dos adolescentes de várias formas, mas seguem as demandas envolvendo aspectos sociais e jurídicos dos adolescentes ainda se fazem necessárias, como o acompanhamento social das famílias e proteção destes indivíduos, intentamos compartilhar estes resultados com as autoridades do judiciário, de maneira a assegurar os direitos dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Adolescente. Pai. Família. DNA.

## ABSTRACT

Confirmation of paternity in a teenager's life, as a result of a DNA test through an investigation of paternity due to non-spontaneous recognition of your parent, it's all a search first for your rights and an affirmation of membership with repercussions on the life of the adolescent. This research had as objective to know the repercussion in the life of adolescents after confirming the biological paternity by the DNA test. It is a descriptive research with a qualitative approach with selected adolescents intentionally and who had the confirmation of his paternal affiliation through DNA examination in a reference laboratory in the city of Fortaleza-Ceara. Participated in the sample 12 adolescents in the age group between 12 and 18 years old. The collection of information occurred in adolescents' homes by means of an interview almost structured, from three guiding questions together with other inquiries through of the dialogical proposal of the study that had the report of experiences, of feelings, doubts and expectations of adolescents in relation to your experiences against the discovery of biological parenthood. The whole discursive cut was organized in 48 units of meaning that in subsequent moments were reduced and finally emerged two thematic categories: Parent-child relationship and Feelings and changes resulting from the confirmation of paternity. With the request of the paternity investigation feelings like happiness relief and uncertainty were manifested by the participants. Based on this study and considering that after confirmation of paternity repercussions on the lives of adolescents in various ways, but follow the demands involving the social and legal aspects of adolescents are still necessary, such as the social monitoring of families, we intend to share these results with the judicial authorities, so as to ensure the rights of adolescents.

**Keywords:** Adolescent. Father. Family. DNA.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Critérios de inclusão e exclusão.....	29
Quadro 2 –	Perfil dos adolescentes participantes do estudo.....	31
Quadro 3 –	Tipo de pesquisa.....	33
Quadro 4 –	Unidades de Significados .....	36
Quadro 5 –	Redução II.....	37

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>OBJETIVO</b> .....	17
<b>3</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	18
3.1	A PATERNIDADE, O TESTE DE DNA E A PARENTALIDADE.....	18
3.2	ADOLESCÊNCIA.....	21
<b>4</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	27
4.1	TIPO DE ESTUDO.....	27
4.2	LOCAL E CENÁRIO DO ESTUDO.....	27
4.3	PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	29
4.4	COLETA DE DADOS.....	30
4.5	ANÁLISE DOS DADOS.....	35
4.6	ASPECTOS ÉTICOS.....	38
<b>5</b>	<b>COMPREENSÃO DO ESTUDO</b> .....	40
5.1	RELACIONAMENTO ENTRE PAI-FILHO.....	41
5.2	SENTIMENTOS E MUDANÇAS RESULTANTES DA CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE.....	44
5.3	REFLEXÕES DO ESTUDO.....	50
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	53
<b>7</b>	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55
	<b>APÊNDICES</b> .....	60
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PAIS E RESPONSÁVEIS.....	61
	APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA ADOLESCENTES.....	63
	APÊNDICE C – CARTA DE ANUÊNCIA PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA.....	65
	APÊNDICE D – TERMO DE FIEL DEPOSITÁRIO.....	66
	APÊNDICE E – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA OS ADOLESCENTES.....	67
	APÊNDICE F – RECORTES EXPRESSIVOS E UNIDADES DE SIGNIFICADO.....	68

APÊNDICE G – UNIDADES DE SIGNIFICADO E RECORTES CORRESPONDENTES.....	88
APÊNDICE H – UNIDADES DE SIGNIFICADO, REDUÇÕES E CATEGORIAS ANALÍTICAS.....	92
<b>ANEXO</b> .....	93
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	94

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo teve como objeto as relações familiares que se estabelecem entre adolescentes e seus pais após confirmação da paternidade por meio da demanda judicial.

A busca pela identificação da paternidade remonta ao Império Romano e as disputas envolviam segurança alimentar e patrimonial, mas o julgamento para provar a paternidade tinha como base apenas a semelhança física. Muito diferente da atualidade, com a confirmação pelo teste de DNA (LAGOS; POGGI; MELLADO, 2011).

A perícia de investigação de paternidade, com tecnologia avançada na análise de DNA, alicerça-se em capacitação técnica e ética, fazendo com que a descoberta da origem biológica configure de forma inequívoca, direito à personalidade, a partir do pressuposto de que todos os seres humanos diferem quanto à constituição genética (COELHO et al., 2014).

O teste de DNA, como consequência de uma ação de Estado, é realizado no Estado do Ceará no Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN) e, após a conclusão deste exame, o laudo da análise é enviado para o órgão solicitante, sendo as pessoas que fazem parte do processo convocadas para receber o resultado.

O direito à paternidade consiste, na verdade, em um fator indispensável para formação pessoal e social do indivíduo. Afinal, é justo conhecer a origem genética e ter o direito fundamental de conhecer a individualidade (GOMES; BARRETO, 2012).

Essa garantia foi instituída pela Constituição da República (1988), ao romper com todas as concepções discriminatórias e estabelecer a igualdade entre os filhos, independentemente de suas origens, e pela Lei 8.069, de 1990, ao regular que o estado de filiação é uma prerrogativa extremamente pessoal, indisponível e imprescritível, podendo ser exercitado sem qualquer restrição, contra os pais ou herdeiros (JESUS, 2008).

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (1990) assinala que um dos direitos fundamentais das crianças e dos adolescentes é o da convivência familiar e, também, o da identificação dos pais, ou seja, mesmo que uma criança ou um adolescente não coabite com o pai biológico, é justo que ela saiba quem é o pai,

além disso, o pai tem obrigações legais para com o filho (MOREIRA; BEDRAN; CARELLOS, 2011).

A influência da ausência paterna durante o desenvolvimento de um filho é um tema precioso e complexo. Concomitante aos diversos fatores individuais de cada caso, é indispensável examinar o impacto dessa ausência no desenvolvimento psicológico, intelectual e comportamental de um adolescente (COELHO et al., 2014).

Durante a vida, muitas vezes, sentimo-nos parte de uma família quando somos comparados por outras pessoas pela semelhança física, como também pelos gestos, pelas preferências e atitudes, consequências do convívio familiar, quando desde pequenos coabitamos sob o mesmo teto, acreditamos que vivemos em família ao termos um pai, uma mãe e irmãos.

A família é um sistema complexo, que comporta relações antagônicas, contraditórias e complementares, sendo a matriz do desenvolvimento psicossocial de seus membros. Ao mesmo tempo, faz parte da sociedade e acompanha as mudanças de cada período histórico (DITZ et al., 2013).

A composição das famílias se modificou e os diversos modelos convivem, mesmo que em cada época, um seja mais hegemônico estatisticamente, mas também simbolicamente. Um dos fatores que forçou a mudança da família, embora não seja o único, mas que merece atenção foi, sem dúvida, a mulher se reconhecer como pessoa (FREITAS; BRAGA; BARROS, 2012).

A nova realidade possibilitou a mulher escolhas que antes eram impossíveis. Agora, decide se quer casar ou não, criar filhos ou não, estudar, trabalhar ou ser sustentada. O casamento deixou de ser o único meio de constituir família.

Assim, as coabitações aumentaram, como também se intensificaram as separações e as novas uniões. Existem casais sem filhos e as famílias monoparentais, principalmente as chefiadas por mulheres, famílias recompostas e famílias de pais homossexuais, dentre outras. Atualmente, algumas famílias se constituem não mais por esse vínculo de sangue, mas pelo vínculo do afeto (MEIRA; PINHEIRO, 2014).

A família, portanto, não pode ser determinada como algo rígido quando se pensa em um modelo de pais e filhos, pois a busca de igualdade de direitos na sociedade pelas mulheres, a proteção da infância, a união homoafetiva e os programas sociais modificaram a percepção tradicional de família.

E o que dizer dos homens? Antes detentor da razão e do direito, figura principal da família patriarcal, outrora modelo único e imutável. Percebemos agora a frente de desafios, na qual teve que se modificar da mesma maneira que a família se remodelou.

As mudanças não são instantâneas, mas estudar na mesma escola com meninas, disputar vagas de emprego com mulheres, ver na mulher a iniciativa da paquera, ter uma mulher eleita presidente, são exemplos de uma sociedade que não é a mesma para as relações de gênero.

Os papéis do homem e da mulher foram se alterando e muitos passaram a coexistir, e mesmo com a liberdade sexual, um aspecto importante de responsabilidades se mantém, pois, independentemente de haver sexo sem compromisso, existe a possibilidade de gerar um filho e a sociedade exige obrigações.

Diante desse contexto, o interesse pelo estudo nasceu a partir de minha prática profissional, como farmacêutico, no serviço de Teste de Paternidade do LACEN, no qual acompanho a análise do DNA e realizo entrevistas que precedem à coleta para realização do teste. Durante as entrevistas, percebi em alguns adolescentes, reações e comportamentos que não estão relacionados ao ato da coleta para o exame, seja ela a picada da agulha ou ver sangue, mas com a expectativa do resultado do teste.

Dessa realidade, observo desde a inexistência do nome do pai na certidão de nascimento do filho até a total ausência da figura paterna. O resultado do teste pode determinar não somente a inclusão do nome do pai na certidão de nascimento do adolescente, ou uma pensão alimentícia, como também questões de custódia e do acesso aos filhos, gerando expectativas e tensões.

Não se trata de uma atitude ingênua de acreditar que uma decisão judicial para o reconhecimento de paternidade, que determina, entre outras coisas, o provimento de alimento para subsistência, assegura o surgimento de uma relação parental afetiva, mas se pode ir além da letra fria das decisões judiciais.

Talvez ocorram mudanças após o filho ter o conhecimento de quem é o pai e do pai reconhecer o filho. Trata-se de ultrapassar a judicialização da paternidade e discutir sobre a construção do apego e afeto, pois existem outras reflexões merecedoras de atenção, dentre as quais destacamos o conhecimento desta paternidade na adolescência.

A adolescência é ficar “no meio”, pois já não se é mais uma criança e ainda não se é um adulto. É ter novas descobertas e diferentes caminhos que surgirão nesta etapa da vida, também denominada de puberdade, e que se depara com esta irrefutável verdade e respectivos desdobramentos.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente, considera-se adolescência o período de faixa etária entre 12 e 18 anos de idade, e mais do que limites cronológicos utilizados para formatar políticas públicas, esta fase da vida remete ao indivíduo com energia, criatividade, e à formação de afeto e novas amizades (ECA, 1990).

O afeto seria fator intrínseco ao processo de desenvolvimento humano, estando presente na constituição do indivíduo e na integração deste à sociedade. Portanto, o afeto eleva-se em grau de importância para a compreensão das produções humanas e o desenvolvimento do próprio homem (BRAZÃO, 2015).

Em nossa sociedade, apesar das mudanças nas conformações familiares, não é comum relacionar paternidade ao afeto, pois ainda se reconhece o papel do pai como provedor da subsistência. Mas, com o envolvimento paterno no cuidado aos filhos, esta irá favorecer o desenvolvimento de várias funções psicológicas, a tal ponto que a figura paterna tornar-se-á indispensável (NUNES; FARACO; VIEIRA, 2013).

O efeito dos processos que confirmam a identificação da paternidade biológica não se restringe à mera constatação dos fatos. Não há dúvida de que o teste de paternidade ressoa nas atitudes dos sujeitos investigados, provocando rearranjos na constelação de afetos, mais do que resolver disputas, moldar subjetividades (MACHADO; SILVA, 2012).

Os profissionais do setor de identificação de paternidade do LACEN, sabedores de que existem repercussões determinadas por essa decisão judicial, reconhecem o quanto seria importante, para a entrega do resultado do teste, existir integração da equipe para oferecer suporte a essas pessoas em uma mediação com apoio do serviço social, psicólogos, entre outros.

A relevância do objeto proposto não está restrita apenas em assegurar o conhecimento da paternidade biológica dessas crianças e adolescentes, mas também sensibilizar a todos os profissionais envolvidos que, no momento da entrega do laudo, seja a oportunidade de iniciar o estabelecimento de uma relação afetuosa e não somente o ato mecânico por cumprimento de uma demanda judicial.

É importante saber as repercussões do reconhecimento da paternidade para os filhos, como forma de melhorar o atendimento dessas pessoas e trazer condição de humanização na entrega do resultado do exame, pois a intenção no estabelecimento da paternidade traz implícita a possibilidade de construção da relação parental.

Portanto, quais as repercussões de conhecer o pai biológico para adolescentes que o fazem por meio do teste de paternidade por decisão judicial? Existe a possibilidade de serem construídas novas relações de afeto a partir desse resultado?

## **2 OBJETIVO**

- Conhecer as repercussões da confirmação da paternidade biológica na vida de adolescentes.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

Os aspectos que envolvem a adolescência se configuram em um período de instabilidade pela ocorrência de situações e experiências pelos quais o adolescente irá confrontar antes da chegada à idade adulta, sendo fortemente marcada pelos condicionantes externos que impregnam a sociedade (QUIROGA; VITALLE, 2013). Neste contexto, a paternidade, o teste de DNA e a parentalidade estão ao lado da própria adolescência, como temas de forte impacto na vida destes indivíduos que participaram do estudo.

#### 3.1 A PATERNIDADE, O TESTE DE DNA E A PARENTALIDADE

No Setor de Paternidade do Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN), com a rotina de 15 processos/requerimentos/dia para o teste de DNA, o autor do projeto de pesquisa teve a oportunidade de observar supostos pais e adolescentes que não se conheciam, e tiveram que viver a expectativa de um teste de DNA para confirmar uma paternidade biológica e uma possível mudança em suas vidas. Os realizadores do exame no LACEN têm acesso a este. O laudo é encaminhado para o órgão solicitante, o qual se encarrega de marcar a audiência com as pessoas relacionadas no exame. Todavia, quando realizamos a entrevista e acompanhamos a coleta do sangue, percebemos, em alguns momentos, olhares disfarçados, conversa pouca, desconforto e a vontade de que o resultado do teste seja muito rápido.

O teste de paternidade realizado em um laboratório oficial acontece, após a ação da justiça, e apesar do rito processual que deve ser obedecido, o objetivo vai além da busca dos direitos dos filhos, mas na direção de aproximar pais e filhos. O Projeto Pai Presente, da justiça brasileira, tem no seu escopo sanar a lacuna, apontando e identificando o pai, mas com a perspectiva de que esse vínculo, que começa com um liame documental, com vasta repercussão jurídica, transmudando-se em afeto e felicidade (ZIMMERMANN; ALVES; SCHRÖPFER, 2014).

A sociedade brasileira se caracteriza pela coexistência de várias configurações familiares e, mesmo com todas as mudanças, ainda encontramos aquelas em que o homem é o único a ter um trabalho remunerado, sendo responsável pelo sustento da família. Mas, a paternidade pode ir além do aporte

financeiro e a presença do pai, é um modelo que corrobora para o equilíbrio no cuidado dos filhos.

Freitas et al. (2009) lembram que a função financeira evocada socialmente é importante do ponto de vista da sobrevivência, mas não se sobrepõe às necessidades subjetivas de carinho, amor, afeto e atenção de meninos e meninas, homens e mulheres. Bowlby (1989) também reforça a importância de os pais fornecerem base segura a partir da qual uma criança ou um adolescente possa explorar o mundo exterior e a ele retornar certos, de que serão bem-vindos, nutridos física e emocionalmente, confortados, se houver sofrimento, e encorajados, se estiverem ameaçados.

Moreira e Toneli (2015) colocam que o exercício da parentalidade aparece inicialmente direcionado a ambos, mas na sequência, se constrói o enunciado em prol da paternidade como elemento necessário e diferenciado da maternidade. Analisando a diferenciação binária da parentalidade, é possível conhecer o que se constitui como polo para paternidade, suas características, demandas e normatividades. Afirma Benczik (2011) que a presença paterna na família é diferente e complementar à materna e sua privação pode ter consequências graves em longo prazo, com problemas na modulação e intensidade do afeto.

Quando observamos a existência de separações, divórcios e recomposição de famílias, estas modificam a estrutura familiar original, e a ausência paterna provoca repercussões nos filhos. Por isso, as pesquisas se voltaram para a compreensão da relação pai-filho, reconhecendo a importância do papel que os pais desempenham junto à prole, sem desconsiderar as particularidades históricas e culturais (SGANZERLA; LEVANDOWSKI, 2010).

Mais notadamente, a literatura evidencia as modificações nas estruturas das famílias contemporâneas, os efeitos negativos da ausência do pai e as repercussões decorrentes dessa ausência, tanto nos aspectos comportamentais quanto nas vivências emocionais relacionadas ao complexo de Édipo. Autores relacionam a ausência da figura paterna à produção de variadas expressões de conflitos, defesas e sentimento de culpa nos filhos (GOMES; RESENDE, 2004).

Além disso, estudo tem evidenciado o quanto a ausência do genitor ou mesmo a existência de uma relação pouco harmônica entre pai e filho na adolescência pode ser considerada fator de risco para o desenvolvimento

psicológico, cognitivo e até mesmo social deste último, tornando-se relevante estudar a ausência paterna e suas repercussões nesta população (EIZIRIK; BERGMANN, 2004).

Para Benczick (2011), a necessidade da figura paterna ocorre na adolescência, quando a maturação genital obriga a criança a definir seu papel na procriação, havendo movimento mais intenso na adolescência para que o filho alcance maior autonomia. Eizirik e Bergmann (2004) afirmam que mesmo antes da adolescência, a ausência do pai tem potencial para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, bem como influenciar o desenvolvimento de distúrbios de comportamento.

Silva (2015) argumenta que a ausência da figura paterna vivida na infância terá repercussões na adolescência e vida adulta, visto que é um período propício para crise psicológica. Desta forma, para alguns indivíduos, os conflitos dessa transição resultam em comportamentos desviantes, manifestos na depressão e nos comportamentos antissociais, os quais têm sido potencializados pelas rápidas mudanças sociais.

Sena e Farias (2010) confirmam que a ausência efetiva da figura paterna é extremamente prejudicial à vida do filho, e a regularização desta situação objetiva fortalecer o princípio da dignidade da pessoa humana e os vínculos parentais, bem como reduzir a evasão escolar, os comportamentos antissociais, a delinquência juvenil e o consumo de drogas. No comentário do livro de Groeninga e Pereira (2003, p.225, apud MOREIRA e TONELLI, 2015), analisa-se que a ausência das funções paternas se apresenta hoje, inclusive, como um fenômeno social alarmante e isto não é um fenômeno de determinada classe social, estando acima da questão da estratificação social. Neste sentido, entende-se que o nome do pai no Registro Civil de Nascimento implica uma série de direitos civis, além de benefícios psicológicos para o filho.

Coelho *et al.* (2014) reforçam que mesmo que essa aproximação não venha a se configurar, a identificação da paternidade é indispensável para garantir os efeitos sucessórios e já é importante para maioria dos indivíduos terem o nome do pai nos documentos, ao invés de um espaço em branco, o que, muitas vezes, pode significar situação de constrangimento.

Dias e Nogueira (2013) mencionaram que, em virtude das demandas que transitam pelo Poder Judiciário, no âmbito do Direito de Família, talvez seja a investigatória de paternidade, a que sempre apresentou maiores dificuldades no campo probatório, sendo, por outro lado, a que mais se beneficiou com a evolução - quase revolução - ocorrida a partir da descoberta dos indicadores genéticos, que muito contribuem para identificação das relações de parentesco.

De modo geral, mesmo ainda em um mundo globalizado, é no afeto e na segurança da família que se desenvolve o alicerce da personalidade. Os estudos mencionados ressaltaram como essa ausência paterna pode se tornar fator de risco em diversos aspectos do desenvolvimento do adolescente (BENCZICK, 2011; SENNA; FARIAS, 2010; SILVA, 2015). Fica a percepção de que quase tudo na adolescência pode ser determinante para as outras etapas da vida, e mesmo que esta vida possa parecer segmentada, tudo se relaciona, começando com a família e como esta prepara para viver em sociedade, em que na adolescência, sentimos, de certa forma, colocados em prova e, muitas vezes, pela falta do convívio paterno, não sentimos preparados para enfrentar desafios.

### 3.2 A ADOLESCÊNCIA

É difícil discorrer sobre adolescência sem nos referirmos a uma etapa única envolta em muitas mudanças. Uma fase que se deseja que acabe logo e, por isso mesmo, denominamos de “fase”. Realmente, os adolescentes vivenciam características muito diferentes das crianças e dos adultos, e as representações estão internalizadas, o que torna difícil pensar na adolescência sem menção a elas. É possível que ao trabalharmos com adolescentes, revivamos e percebemos que as características ainda estão presentes (BERNI; ROSO, 2014).

Mas, quando percebemos estarmos na adolescência? Seria no momento que perdemos o interesse pelos brinquedos da infância? Ou quando começam a crescer os pelos pubianos e a nossa voz começa a mudar? Ou quando o nosso interesse por outra pessoa passa a ser um desejo amoroso? Seria a adolescência a fase de não ser mais criança, mas ainda não sermos adultos, apesar de cobrados por essa mudança? Que forma nos define ser outra pessoa? Seria quando os adultos nos passaram a exigir mais e a nos lembrar disso? Querer passar mais

tempo com os amigos do que em casa? Talvez, a adolescência seja tudo isso, mas acontecendo quase ao mesmo tempo, por isso a dificuldade com tantas mudanças.

Enquanto a psicologia aborda a adolescência como uma etapa evolutiva, delimitando-a em uma faixa etária, a psicanálise vem problematizar a adolescência como uma “crise” no sujeito. A adolescência é um fenômeno da modernidade. Isso significa que é algo recente. A ausência de dispositivos em geral, comumente observados nas organizações pré-modernas ou não ocidentais, torna problemático esse momento, implicando prolongamento da adolescência. A crise da adolescência dos filhos repercute nos pais, pois estes também se confrontam com os conflitos de época. A maneira como os pais conseguirem elaborar essa instabilidade vai trazer influências nesse tempo de atualização (SENA; FARIAS, 2010).

Entende Mora (2007) que podemos situar entre 13 e 14 anos o momento talvez mais representativo do aparecimento dos primeiros traços da adolescência, sendo inevitável associar a adolescência à ideia de crise. E, de fato, é difícil relevar os problemas dessa fase, devido às grandes alterações fisiológicas e psicológicas que a adolescência acarreta, as quais são tão variadas e numerosas que deixam o adolescente em um estado de desequilíbrio e instabilidade, aos quais todos os indivíduos chegam como resultado das tentativas de adaptação às novas exigências e perspectivas que projetam sobre o futuro mais imediato.

Um dos elementos principais dessa crise é o conflito permanente entre o adolescente, a família e a sociedade. A dissolução da identidade infantil e a progressiva obtenção de sinais próprios de uma personalidade adulta são o caminho a ser seguido para se compreender a evolução psicoafetiva que ocorre durante estes difíceis anos.

Nessa perspectiva, Weinmann (2012) destaca que a adolescência consiste em um processo de dupla face: uma instituição social moderna, que visa responder às transformações da puberdade, e uma operação psíquica, que um sujeito precisa transpor para tornar-se adulto. E, tal dificuldade incide precisamente sobre os emergentes, os que saem da condição de infantes e enfrentam a injunção de enunciar-se. Por esse motivo, adolescência implica crise, conflito. Em outras palavras, o que está em jogo na adolescência é a possibilidade do real da puberdade, do real da morte de um corpo infantil. Este é o drama da passagem adolescente. Simboliza esse real, missão impossível, pois o real é justamente o que resiste ao limite de entrega a uma das muitas faces da morte.

Trazem-nos Quiroga e Vitalle (2013) que a representação social da adolescência passou a ser vinculada a um período de incertezas. Com efeito, é durante esse período de instabilidade que se configura a concorrência de situações e experiências pelas quais o adolescente irá se confrontar até chegar à idade adulta.

A busca pela emancipação e independência, no entanto, será fortemente marcada pelos condicionantes externos que impregnam a sociedade e o momento histórico em que o adolescente estiver situado. Quando o adolescente não mais necessitar fixar uma representação de si sobre um adulto, mas conseguir ancorar-se em um mundo construído para ele, então essa crise deixa de existir para tornar-se possível um indivíduo em um processo legítimo de construção, no qual, não poucas vezes, concorre a protagonista da sociedade em sua total dimensão.

É fundamental reconhecer que os adolescentes são um grupo em si. Não são crianças grandes nem futuros adultos. Têm trajetórias, histórias. São cidadãos, sujeitos com direitos específicos, que vivem uma fase de desenvolvimento extraordinária, que precisa ser vivida com apoio, estímulo e proteção. O que experimentam nessa etapa determinará a vida adulta (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF), 2011). A adolescência não é uma ruptura com a infância, mas é tênue a fronteira entre uma e outra. Talvez porque não haja uma fronteira delimitada pela idade, e, então, vamos entendendo o porquê e como essa transição é um processo, é metamorfose ambulante. A metamorfose refere-se também ao corpo, isto é, às transformações corporais, relacionadas em grande parte à estética (BERNI; ROSO, 2014).

Segundo Senna e Dessen (2012), é preciso que os adolescentes sejam estimulados e acompanhados, além de reconhecidos em suas peculiaridades, estabilidades e mudanças sistemáticas, que ocorrem concomitantes às transições dos seus contextos. Buscar os antecedentes geradores das mudanças na adolescência significa tratá-la como um período de intensa exploração e grandes e múltiplas oportunidades para muitos jovens, futuros adultos. Também é fundamental para Sena e Farias (2010) compreender que a adolescência tem repercussões em várias esferas da vida do sujeito, implicando em sua relação com a sua imagem, com os pais, até o momento em que poderá encontrar “estabilização” que possibilite abandonar as velhas identificações.

No laço social, encontramos essa exigência de não perder tempo com coisas pouco objetivas e a adolescência exige temporalidade outra, tempo a perder com a fantasia, com o sonho, que dá suporte ao desejo. Nos sonhos diurnos dos adolescentes, deveria ser possível, enfrentar o medo de não saber, imaginar-se sendo o que quisessem, com todos os ensaios possíveis, para que ao final desse tempo, que é singular e não há como não ser, pudesse articular algo de um percurso aberto à dimensão desejada (CABISTANI, 2009).

A adolescência é um período marcado pela ampliação das relações interpessoais, que deixam de ser restritas ao âmbito familiar. Mas, no caso dos adolescentes de classe baixa, o processo ocorre de maneira diferente, pois ao tentar encontrar um lugar na sociedade, deparam-se com uma realidade que os exclui. Diante desta exclusão, muitos desenvolvem uma maneira peculiar de construir laço social, por meio do ato infracional. Com isso, rompem o pacto que rege as relações sociais. Desta maneira, força o adolescente a sua integração, opondo-se às regras da comunidade. Pode encontrar no ato infracional uma forma de metaforizar algum desejo parental, que não foi realizado ao longo da vida e que acabou sofrendo repressão (VORCARO; MAZINNI; MONTEIRO, 2008).

Ressalta-se que a violência, embora, em muitos casos, associada à pobreza, não é sua consequência direta, mas sim da forma como as desigualdades sociais, a negação do direito ao acesso a bens e equipamentos de lazer, esporte e cultura opera nas especificidades de cada grupo social, desencadeando comportamentos violentos. Neste sentido, mesmo com avanços de indicadores socioeconômicos na América Latina, os níveis de violência na região vêm aumentando.

A violência é, cada vez mais, um fenômeno social que atinge governos e populações, tanto global quanto localmente, no público e privado, estando seu conceito em constante mutação, uma vez que várias atitudes e comportamentos passaram a ser consideradas como formas de violência (ABRAMOVAY; FEFFERMANN; RÉGNIER, 2012).

A violência pode gerar problemas sociais, emocionais, psicológicos e cognitivos, durante toda a vida, podendo ocasionar também comportamentos prejudiciais à saúde. Em geral, para os adolescentes, pode se manifestar por meio do abuso de substâncias psicoativas, do álcool e outras drogas e da iniciação, precoce à atividade sexual, tornando-os mais vulneráveis à gravidez, exploração

sexual e prostituição. Os problemas de saúde mental e social relacionados com a violência em crianças e adolescentes podem gerar consequências como ansiedade, transtornos depressivos, alucinações, baixo desempenho na escola e nas tarefas de casa, alterações de memória, comportamento agressivo, violento e até tentativas de suicídio (BRASIL, 2010).

Para Moreira e Toneli (2015), existe ligação causal entre a paternidade ausente, e sua consequência, que seria a conduta criminosa dos filhos desses pais, em que o sujeito filho, criminoso ou não, seria fruto do desempenho do pai, sendo ele ausente ou presente. Esta argumentação torna-se possível na associação entre masculinidade e ordem e, conseqüentemente, paternidade e limite.

Da mesma forma, a responsabilidade se produz enquanto uma cadeia associativa, em que um pai responsável produzirá filhos responsáveis, ou responsabilizáveis perante a lei. Também a imagem paterna é atravessada por outros marcadores, em especial, a questão da raça, da pobreza e do crime organizado, possibilitando o questionamento da ausência de outros investimentos políticos como responsáveis pelas questões sociais contemporâneas.

Zappe e Dias (2010) apontam que são diversos os fatores de risco para que os jovens se envolvam com atos violentos, mas o fato de pertencer a uma família com laços frágeis, seja por precária situação socioeconômica, deficiente supervisão por separação dos pais, ausência da mãe do lar, devido ao trabalho ou distanciamento da figura paterna, tornam o jovem mais vulnerável. Neste sentido, os relacionamentos familiares marcados por agressões físicas e emocionais, precário diálogo intrafamiliar e dificuldades em impor disciplina estão associados à delinquência juvenil. Mas, os fatores individuais e sociais acabam se entrelaçando na produção do ato infracional.

A figura do pai é notoriamente importante para a criança e o adolescente. Vale salientar que com a falta de referência paterna, a criança pode se desenvolver de forma vacilante, ou seja, com queda de autoestima, dificuldades de construir relações afetivas, de manter relacionamentos estáveis e, por isso, ter a necessidade de substituir o objeto perdido, a saber, o pai, por outro objeto, que pode ser a bebida ou qualquer outro tipo de droga.

Dessa forma, a constituição da função paterna surge como elemento primordial na constituição da singularidade do ser, no processo de normatização e na própria concepção de quem se é, ou seja, o pai surge como o provedor e protetor da família e, quando esse não se faz presente, a família pode vir a ruir (SILVA, 2015).

A chegada da adolescência não é somente o corpo se modificando, mas o momento em que o conhecimento até ali acumulado, junto com a liberdade de sair com amigos e voltar para casa, revela um universo em expansão que parece sem limites. Mas, desta abrangência de novos caminhos, surgem descobertas e desafios, que a realidade da ausência da figura paterna pode ser o contraponto na vida do adolescente em que pode interferir de levar adiante outras oportunidades que não estavam situadas como projetos ou planos futuros. É como um barco que chega ao porto cheio de mercadorias e não consegue ancorar-se para descarregar os produtos e seguir uma nova viagem.

O adolescente que tem a possibilidade de encontrar o pai biológico, após o reconhecimento da paternidade, através de um teste de DNA, pode ter a chance de construir uma relação de afeto e, de repente, este pai poderá fazer o papel de um porto seguro, em que o barco, ao chegar, pode se prender ao ancoradouro da paternidade e descansar o necessário antes de seguir viagem.

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 TIPO DE ESTUDO

Este estudo caracterizou-se como pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, em que se buscou compreender a repercussão da confirmação da paternidade biológica através de um teste de DNA na vida de adolescentes.

A pesquisa descritiva, segundo Gil (2010), tem o objetivo de descrever as características de determinada população, podendo ser elaborada com a finalidade de identificar possíveis relações entre as variáveis, ou mesmo, a natureza destas relações.

Porquanto, pesquisas qualitativas são aquelas que se aplicam ao estudo das relações, percepções e opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, sentem e pensam, levantando interrogações, que vão sendo discutidas durante o processo de trabalho, sistematizando progressivamente até a compreensão do processo em estudo (MINAYO, 2014).

Polit e Beck (2011) caracterizam a abordagem qualitativa como flexível e elástica, ajustando-se a coleta de dados, buscando a compreensão do todo e exigindo do pesquisador envolvimento intenso e por um longo período. Logo, o emprego dessa abordagem se fez necessária, tendo em vista o propósito que se almejou alcançar, decorrente do forte apelo subjetivo inerente à experiência da confirmação da paternidade biológica através de um teste de DNA e suas repercussões sobre o filho adolescente.

### 4.2 LOCAL E CENÁRIO DO ESTUDO

A primeira fase do estudo foi realizada no Serviço de Teste de Paternidade do Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN/CE), Fortaleza/CE, e teve início com a busca dos resultados dos exames procedidos com adolescentes a partir do banco de dados do serviço e que mediante demanda judicial tiveram a confirmação da paternidade através do teste de DNA há pelo menos um ano e que já estivessem de posse do laudo confirmatório.

Para cada teste realizado, existia uma ficha com os dados dos participantes que continham o nome da mãe ou responsável, o nome do pai investigado e do filho ou filha adolescente que eram domiciliados em Fortaleza. Os resultados semelhantes com pessoas que residiam em cidades da região metropolitana ou do interior do estado foram descartados, obedecendo, assim, aos critérios de inclusão e exclusão.

O Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN) é referência em vários programas de abrangência nacional e regional no Estado do Ceará. O papel de referência se deve à existência de atividades de pesquisa e ao domínio de procedimentos de alta complexidade. O LACEN/CE possui uma função estratégica para os sistemas de Vigilância à Saúde (Vigilância Sanitária, Ambiental e Epidemiológica), assim como para a saúde pública. É competência deste coordenar a Rede Estadual de Laboratórios Públicos e Privados que realizam análises de interesse em saúde pública. O LACEN/CE foi escolhido por ser o local de trabalho onde o autor do estudo em questão acompanha todo o processo de análise do DNA e realiza entrevistas que precedem à coleta para realização do teste.

O Setor de Teste de Paternidade do LACEN/CE possui sala de entrevista, sala de coleta, que integram a fase pré-analítica onde a amostra para o teste é coletada, para depois seguir a fase analítica que ocorre a execução da análise da amostra pelos diversos setores especializados do laboratório (extração, amplificação e identificação do DNA) e, finalmente, pós-analítica com a confecção do laudo baseado nos dados obtidos pela investigação. O setor possui a equipe de profissionais composta por: dois farmacêuticos, um biólogo, dois técnicos de laboratório, dois auxiliares administrativos, um auxiliar de laboratório e realizamos exames do Teste de Paternidade de aproximadamente 200 famílias por mês.

A segunda fase do estudo foi a visita domiciliar, em que os dados foram coletados através de entrevistas após convite e agendamento, e foram realizadas conforme cronograma previamente estabelecido, de agosto a outubro de 2017. Desta forma, tivemos as condições essenciais para o desenvolvimento da pesquisa tendo em vista o objetivo proposto.

### 4.3 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Os critérios de inclusão para participar do presente estudo foram os adolescentes residirem em Fortaleza e que tivessem a amostra de sangue coletada pelo Setor de Paternidade do LACEN/CE, com a finalidade de investigar a paternidade de um suposto pai pelo teste de DNA, cujo resultado do exame confirmaria a paternidade biológica, por um período mínimo de um ano e que já estivessem de posse do laudo confirmatório. Como critérios de exclusão, não participaram os adolescentes que possuíam distúrbios cognitivos ou que o pai havia falecido (QUADRO I).

**Quadro 1 – Critérios de inclusão e exclusão**

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
<p>✓ Adolescentes que moravam em Fortaleza com sua amostra de sangue coletada pelo Setor de Paternidade do LACEN/CE com a finalidade de investigar a paternidade de um suposto pai pelo teste de DNA, cujo resultado do exame, confirmara esta paternidade biológica por um período mínimo de um ano e que já estivessem de posse do laudo confirmatório.</p>	<p>✓ Os adolescentes que possuem distúrbios cognitivos ou que o pai é falecido.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Foram 38 fichas cadastrais selecionadas intencionalmente para fazer a tentativa de contato telefônico para os números disponibilizados nas fichas dos examinados, a partir do banco de dados do LACEN/Ceará, conseguindo contatar com o total de 21 destas pessoas, sendo mães, tias ou avós, em que era formalizado o convite para a pesquisa e agendada a visita domiciliar, sendo necessária a autorização prévia do responsável legal do adolescente para que o pesquisador continuasse esta etapa. Obtivemos a concordância de 12 entrevistas com os adolescentes, que proporcionaram a coleta de dados para o trabalho.

Primeiramente, os endereços que estivessem mais próximos do laboratório, pois, de certa forma, permitiria o deslocamento para as residências dos

adolescentes com maior rapidez, porém, houve dificuldade de fazer o contato pelo telefone, pois muitas ligações não eram atendidas, talvez devido à mudança do número. A busca pelas entrevistas obedeceu às tentativas de contato que foram aceitas para realização da pesquisa, e à medida que isso acontecia ou mesmo quando ocorria um segundo momento, devido ao retorno da ligação anteriormente feita, para saber do que se tratava, tivemos a oportunidade de justificar o motivo da ligação e realizar o convite e agendar a visita a residência do(a) adolescente, realizando as entrevistas em poucos dias.

No momento da visita domiciliar, os objetivos da pesquisa e procedimentos do estudo foram mais uma vez explicitados e ambos, responsável legal e adolescente, convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e Termo de Assentimento (APÊNDICE B).

O convite para este estudo contemplou 12 adolescentes com diferentes perfis (QUADRO II), cujos participantes da pesquisa residiam em diversos bairros (FIGURA 1), que, de acordo com Adler e Adler (2012), esse número de entrevistas permite ganhar experiência no planejamento, na transcrição destas e realizar conclusões, o que significou que as categorias foram estabelecidas, que a diferença entre elas fez sentido e as relações permitiram alcançar uma contextualização.

#### 4.4 COLETA DE DADOS

Para Minayo (2014), a estratégia mais usada no processo de trabalho, no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a entrevista. Stake (2011) sinaliza que as entrevistas são usadas para vários propósitos, e os principais são: obter informações singulares ou interpretações sustentadas pela pessoa entrevistada; coletar uma soma numérica de informações de muitas pessoas; descobrir sobre uma coisa que os pesquisadores não conseguiram observar por eles mesmos.

Além disso, a entrevista tem como objeto principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema (LAKATOS; MARCONI, 2010). A entrevista para Gil (2010) pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas em uma situação “face a face” e em que uma delas formula questões e a outra responde. A entrevista pode ter o objetivo básico de coleta de dados, pode ser focalizado em um tema específico, ser parcialmente

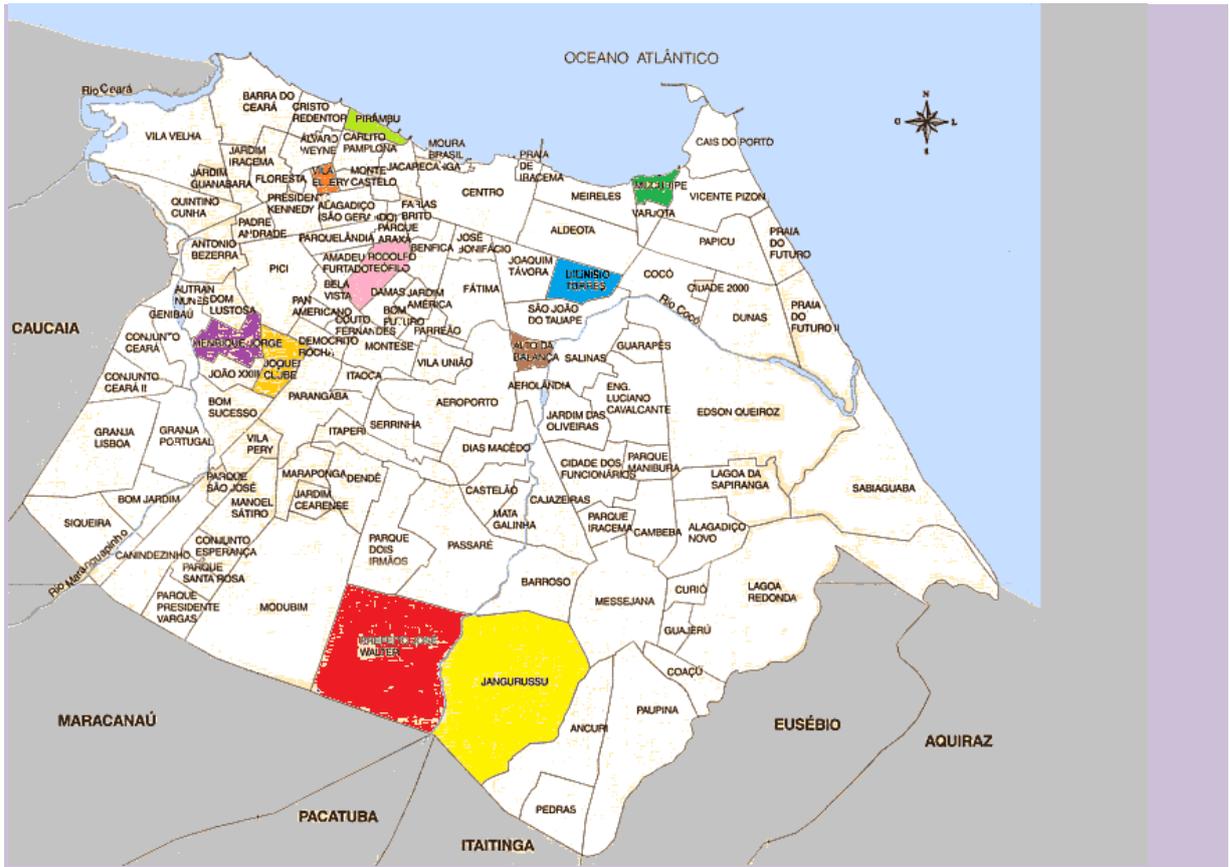
estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso e, por fim, totalmente estruturada, em que desenvolve a relação fixa de perguntas.

### Quadro 2 – Perfil dos adolescentes participantes do estudo

<b>PERFIL DOS ADOLESCENTES PARTICIPANTES DO ESTUDO</b>
<b>A1:</b> Sexo feminino, 17 anos, residente no bairro Alto da Balança, morava com a avó materna, cursando o 3º ano do ensino médio em escola pública, não incluiu o nome do pai na certidão de nascimento, se relacionava com o pai.
<b>A2:</b> Sexo masculino, 17 anos, residente no bairro Vila Ellery, morava com a mãe, cursando o 3º ano do ensino médio em escola pública, incluiu o nome do pai na certidão de nascimento após o teste de paternidade, e não se relacionava com o pai.
<b>A3:</b> Sexo masculino, 14 anos, residente no bairro Henrique Jorge, morava com a mãe, cursando o 9º ano do ensino fundamental em escola particular, incluiu o nome do pai na certidão de nascimento após o teste de paternidade, se relacionava com o pai.
<b>A4:</b> Sexo masculino, 15 anos, residente no bairro José Walter, morava com a mãe, cursando o 1º ano do ensino médio em escola particular, tinha o nome do pai na certidão de nascimento antes do teste de paternidade, se relacionava com o pai.
<b>A5:</b> Sexo feminino, 18 anos, residente no bairro Dionísio Torres, morava com a mãe, cursando o 3º ano do ensino médio em escola pública, incluiu o nome do pai na certidão de nascimento após o teste de paternidade, se relacionava com o pai.
<b>A6:</b> Sexo masculino, 16 anos, residente no bairro Dionísio Torres, morava com a mãe, cursando o 2º ano do ensino médio em escola pública, tinha o nome do pai na certidão de nascimento antes do teste de paternidade, se relacionava com o pai.
<b>A7:</b> Sexo masculino, 14 anos, residente no bairro Henrique Jorge, morava com a mãe, cursando o 9º ano do fundamental em escola particular, tinha o nome do pai na certidão de nascimento antes do teste de paternidade, e não se relacionava com o pai.
<b>A8:</b> Sexo masculino, 15 anos, residente no bairro Pirambú, morava com a mãe, cursando o 1º ano do ensino médio em escola pública, tinha o nome do pai na certidão de nascimento antes do teste de paternidade, se relacionava com o pai.
<b>A9:</b> Sexo masculino, 14 anos, residente no bairro Rodolfo Teófilo, morava com a mãe, cursando o 9º ano do ensino fundamental em escola pública, incluiu o nome do pai na certidão de nascimento após o teste de paternidade, e não se relacionava com o pai.
<b>A10:</b> Sexo feminino, 14 anos, residente no bairro Mucuripe, morava com a mãe, cursando o 9º ano do ensino fundamental em escola pública, incluiu o nome do pai na certidão de nascimento após o teste de paternidade, se relacionava com o pai.
<b>A11:</b> Sexo masculino, 16 anos, residente no bairro Jangurussú, morava com a mãe, cursando o 2º ano do ensino médio em escola pública, tinha o nome de outro pai que o assumiu quando ainda era bebê na certidão de nascimento antes do teste de paternidade, se relacionava com o pai.
<b>A12:</b> Sexo feminino, 12 anos, residente no bairro Jóquei Clube, morava com a mãe, cursando o 7º ano do ensino fundamental em escola pública, tinha o nome do pai na certidão de nascimento antes do teste de paternidade, se relacionava com o pai.

Fonte: Elaborado pelo autor

**Figura 1 – Bairros de Fortaleza que residiam os adolescentes entrevistados**



Fonte: [www.ceara.com.br/fortaleza/mapadefortaleza.htm](http://www.ceara.com.br/fortaleza/mapadefortaleza.htm)

### LEGENDA

	Alto da Balança
	Dionísio Torres
	Mucuripe
	Pirambú
	Vila Ellery
	Rodolfo Teófilo
	Jóquei Clube
	Henrique Jorge
	José Walter
	Jangurussú

A coleta de dados foi desenvolvida utilizando entrevista semiestruturada, baseada em questões construídas a partir do objetivo do estudo, as quais tiveram o propósito de investigar experiências, sentimentos e expectativas dos adolescentes em relação às vivências frente à descoberta da paternidade biológica, além das percepções e dos sentimentos sobre as mudanças ocorridas na vida e nos projetos de vida futuros.

A opção pela entrevista semiestruturada, conforme Minayo (2014), obedeceu a um roteiro que tem um apoio claro na sequência das questões e facilitou a abordagem, assegurando que hipóteses ou pressupostos fossem cobertos na conversa e que, na verdade, nenhuma interação para finalidade de pesquisa se coloca de forma totalmente aberta ou totalmente fechada. Igualmente, a entrevista semiestruturada consistiu em um conjunto de questões, que devem ser simples, diretas e feitas para todos os entrevistados da mesma forma (STAKE, 2011). As perguntas norteadoras do estudo presentes no roteiro de entrevista (Apêndice E) foram acrescidas de outras indagações, a partir da proposta dialógica inerente a este tipo de estudo.

As entrevistas foram agendadas previamente, para o horário de escolha do responsável e adolescente. No momento, eram solicitadas autorização para que estas fossem gravadas, após a assinatura dos termos. O resumo do que foi realizado até este momento está no QUADRO III.

**Quadro 3 – Tipo de pesquisa**

<b>Tipo de pesquisa</b>	<b>Descritiva, com abordagem qualitativa</b>
Local e período do estudo	1ª Fase: Banco de dados LACEN em Fortaleza/CE. 2ª Fase: Entrevistas nos domicílios. Nos meses de agosto a outubro de 2017
Sujeitos da pesquisa	Adolescentes com a identificação do genitor pelo teste de DNA.
Número de participantes	12
Instrumentos de coleta de dados	Questionário com perguntas preestabelecidas a partir do objeto do estudo. (Entrevista semiestruturada).
Procedimento de coleta de dados	Entrevistas individuais nas residências após assinatura do TCLE e o Termo de Assentimento. As entrevistas foram gravadas e logo após eram transcritas na íntegra.

Quando tivemos nova confirmação de entrevista, e agora em um bairro distante, onde nunca estivermos, pudemos conhecer o segundo entrevistado, um adolescente que a pouco acabara de acordar, e sua mãe reclamando que o mesmo deveria vestir-se adequadamente para conversar com o pesquisador. Depois de adentrar a casa, e sentar ao lado do adolescente, com a mãe na frente e o cão da casa aos pés, querendo atenção, o pesquisador entendeu que deveria seguir na direção do que era possível, e isto significava a possibilidade de ir aos endereços que atendiam ao telefone e aceitassem a pesquisa e não aos bairros próximos do laboratório ou da casa deste. Aconteceu a partir de então uma perspectiva de aproveitar o deslocamento distante e tentar a proximidade de endereços, seria uma forma de aperfeiçoar a pesquisa, ganhando tempo, e que agora iria conhecer um pouco a cidade e de quão distante teria que percorrer para poder falar com essas pessoas.

Depois de agendar uma entrevista em um determinado bairro que ficava longe, encontramos a possibilidade de outro agendamento em um bairro vizinho deste, mas aconteceu algo que viria acontecer somente mais uma vez neste estudo, pois ao conseguir falar com a mãe do adolescente, e que estava bem receptiva ao telefone e como sempre fazia ao conversar sobre a pesquisa, indagava se a mesma já tinha conhecimento do resultado do teste de paternidade, e esta respondeu que ainda não sabia, pois não teve tempo para ir buscar o resultado, por isso, não foi possível agendar a entrevista com o adolescente. Já a segunda mãe que também não tinha conhecimento do resultado, e nem que o mesmo estava disponível, disse que iria falar com o pai do filho para resolver a situação.

Houve em outras três ligações que foram diretamente atendidas pelas mães, a negação para realização da entrevista. Coincidência ou não, as três negativas ocorreram para adolescentes do sexo feminino. Uma delas alegou que a filha era muito nova e não saberia responder às perguntas. As outras duas mães, até reconheceram a importância da pesquisa, foram receptivas, mas disseram que a realização do teste de DNA para confirmação da paternidade foi muito traumática para as filhas, e uma destas mães falou ao telefone que a filha fazia terapia e declarou:

Não quero reabrir esta ferida na minha filha, agradeço o seu interesse, mas não vou deixar, pois foi muito difícil para ela.

Ocorreu também uma negativa de entrevista, mas agora com um adolescente, mas foi diferente das anteriores, pois a entrevista estava agendada e a desistência ocorreu após a chegada do pesquisador à residência que ficava em um bairro distante, acontecendo depois da apresentação do estudo e da leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pela mãe e também da leitura e assinatura do Termo de Assentimento pelo adolescente, em que, após tudo isso, o adolescente negou-se a responder a qualquer pergunta, não sendo a entrevista realizada.

Em uma entrevista que estava prestes a ser marcada, pois já tinha a permissão de fazê-la ao conversar com a tia que era a responsável pela menor, foi impossibilitado de agendar, pois durante a conversa, descobrimos que o pai da adolescente havia falecido há pouco tempo, ficando fora do escopo de inclusão da pesquisa.

Em outra tentativa de entrevista, que estava agendada, tivemos que suspender, devido ao pai ter sido internado, precisando ir para UTI e que pouco tempo depois, ao ligar novamente para a mãe do adolescente para ter notícias, desistimos por completo de fazê-la, pois a mesma informou que havia sido declarada a morte cerebral.

#### 4.5 ANÁLISE DOS DADOS

Após coleta das entrevistas com os adolescentes, estas foram transcritas e submetidas à Análise Temática, uma das modalidades de análise para o tratamento dos dados que melhor se adéqua a atual investigação qualitativa.

Consistiu em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência significaram alguma coisa para o objeto analítico visado. A noção de tema está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto, que comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada por uma palavra, uma frase, um resumo (MINAYO, 2014).

A pré-análise foi a fase inicial da análise de documentos a partir da retomada dos objetivos iniciais da pesquisa. Foi dividida em leitura flutuante, constituição de corpos e formulação e reformulação de hipóteses e objetivos (MINAYO, 2014).

A exploração do material consistiu ao momento em que os dados foram trabalhados para melhor compreensão do texto, em que se buscou encontrar categorias que são expressões ou palavras significativas em função das quais o conteúdo de uma fala será organizado (MINAYO, 2014), totalizando 233 recortes das falas dos participantes e emergindo as 48 unidades de significado (Apêndices F e G), formando agrupamentos dos temas por semelhança (QUADRO IV) e, por conseguinte, construir as categorias temáticas (QUADRO V) que exprimem a descrição dos conteúdos das entrevistas.

A terceira e última etapa, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação e análise qualitativa das falas, através do que foi explicitado sobre os questionamentos aos adolescentes e as conseqüentes inferências dos resultados, permitindo dimensionar as informações obtidas, possibilitando novas teorias e interpretações sugeridas pela leitura do material (MINAYO, 2014).

O conteúdo apreendido e sistematizado nas etapas descritas foi interpretado à luz de referencial bibliográfico pertinente aos significados emergidos, a partir dos discursos dos participantes, e que esquematicamente produziram os passos para obtenção das categorias analíticas (APÊNDICE H). Na FIGURA 2 temos a representação esquemática de todo o processo.

#### Quadro 4 – Unidades de Significados

(continua)

UNIDADES DE SIGNIFICADO	REDUÇÃO I
I – Certeza da paternidade XLVIII – Certeza da paternidade biológica por confiar na mãe (3)	Certeza da paternidade
II – Dúvida por parte do pai da paternidade XI – Negação da paternidade pelo pai XXVI – Negação da paternidade pelo pai, por causa da cor da pele XXVII – Raiva da negação da paternidade pelo pai, por causa da cor da pele	Sentimentos relacionados com a averiguação da paternidade
X – Felicidade com o reconhecimento da paternidade XIII – Confirmação que era filho pelo teste de paternidade XVIII - Parecer-se com o pai XXVIII – Aliviado com a confirmação da paternidade XXIX – Incerteza antes da confirmação da paternidade	Sentimentos relacionados com a confirmação da paternidade
VII – Sem mudança em casa após confirmação da paternidade XL – Nada mudou após confirmação da paternidade	Sem mudança em casa após o teste
IX – Não colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento XIV – Colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento XV – Retirar o sobrenome do pai biológico	Modificação na certidão de nascimento
XXIII – Teste de paternidade por causa da pensão alimentícia XXIV – Ajuda material do pai XXV – Pensão alimentícia em dia XXX – Atraso no pagamento da pensão alimentícia XLIV – Não pagamento da pensão alimentícia	Ajuda material por parte do pai

### Quadro 4 – Unidades de Significados

(conclusão)

UNIDADES DE SIGNIFICADO	REDUÇÃO I
XXXVI – Conhecer a família do pai foi impactante XXXVII – Boa convivência com a família do pai após confirmação da paternidade XXXIX – Encontrei afeto na família do pai	Família paterna
VI – Iniciativa do adolescente em saber quem é o pai biológico XVII – Iniciativa de fazer o teste de paternidade XLV – Saber quem é o pai biológico	Iniciativa pelo teste de paternidade
XLVII – Desconhecimento da motivação para realização do teste de paternidade	Desconhecimento da motivação para realização do teste
XXXI – Rancor do pai pelo teste de paternidade	Rancor paterno pela realização do teste
XXXIV – Insegura perto do pai XXXV – Medo de ficar perto do pai XXXVIII – Não importava conhecer o pai XLII – Apenas existiu para o filho a figura materna	Sentimentos relacionados à ausência de afeto pela figura paterna
III – Começando uma relação pai-filho IV – Relação pai-filho boa XVI – Relação pai-filho ruim XX – Relação pai-filho distante	Relacionamento entre pai-filho
VIII – Convivência com o pai após confirmação da paternidade XII – Sem convivência com o pai após confirmação da paternidade XXXII – Pouca convivência com o pai após confirmação da paternidade XLI – O filho é que visita o pai XLVI – Expectativa de uma possível convivência com o pai	Convivência com o pai
XIX – Não morava com o pai na época do teste de paternidade XXII – Filho já morou com o pai antes do teste de paternidade	Convívio prévio com o pai
V – Ausência de contato com o pai antes da confirmação XXI – Ausência de contato com o pai XXXIII - Ninguém para conversar XLIII - Sofrimento pela ausência do pai	Ausência de contato com o pai

Fonte: Elaborado pelo autor

### Quadro 5 – Redução II

REDUÇÃO II	CATEGORIAS ANALÍTICAS
Sentimentos relacionados com a confirmação da paternidade	Sentimentos e mudanças resultantes da confirmação da paternidade
Mudanças na vida pessoal após confirmação da paternidade	
Realização do teste de paternidade	
Relacionamento entre pai-filho	Relacionamento entre pai-filho

Fonte: Elaborado pelo autor

**Figura 2 – Representação de todo o processo de análise**



Fonte: Elaborada pelo autor.

#### 4.6 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará, através da Plataforma Brasil, conforme Resolução CNS 466/12, que regulamenta as diretrizes e normas da pesquisa em seres humanos com parecer consubstanciado do CEP de número 2.195.426 (ANEXO página 82).

Foi garantido o anonimato dos nomes dos sujeitos da pesquisa e a não utilização das informações em prejuízo dos indivíduos e, assegurando, também, o emprego das informações somente para os fins previstos pela pesquisa. Não tivemos conflito de interesses na pesquisa, não existiram patrocinadores e tivemos sentimentos fortes por problemas sociais, em que quisemos contribuir para ações efetivas que foram planejadas, desenvolvidas e executadas, visando aperfeiçoamento do serviço prestado à população adolescente.

O acesso às informações provenientes da unidade a ser pesquisada e dos indivíduos participantes a do estudo foi realizado através de uma Carta de Anuência e um Termo de Fiel Depositário, respectivamente Apêndices C e D.

Com a autorização, o objeto deste estudo ficou sob a total responsabilidade do pesquisador, de acordo com o determinado no Termo de Fiel Depositário e Carta de Anuência para realização da pesquisa. Assim como a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (para pais/responsáveis) e um Termo de Assentimento para os adolescentes, a partir do objetivo proposto,

em que os participantes, após os esclarecimentos sobre o estudo, o assinaram manifestando espontaneidade quanto à participação e tendo igual liberdade a qualquer momento de desistir da pesquisa.

Foi considerada a relação risco/benefício (em termos de riscos para os participantes), sendo compatível com o benefício que se esperou alcançar para a sociedade. Consideramos este estudo de risco mínimo, em que não ocorreu durante as entrevistas constrangimentos e tristeza, mediante a discussão de temas particulares.

O pesquisador comprometeu-se em interromper a entrevista e oferecer ao adolescente apoio emocional. Em relação aos benefícios, destacamos que os resultados advindos deste estudo poderão melhorar de sobremodo a qualidade do atendimento ao adolescente em momento tão delicado quanto aquele do reconhecimento da paternidade do pai biológico.

## 5 COMPREENSÃO DO ESTUDO

Durante as tentativas de falar com as mães ou responsáveis pelos adolescentes, algumas chamadas não eram atendidas ou quando eram, não era a pessoa que se procurava falar. Então, ficávamos de ligar em outro horário. Ocorreu com outros números de telefones identificados nas fichas que apenas obtivemos êxito depois de muita insistência, conseguindo conversar sobre a pesquisa e acertar a entrevista.

Também conseguimos entrevistar um adolescente que preferia morar com a avó, mas tinha a mãe como responsável e que morava na casa ao lado com o padrasto e o irmão menor por parte de mãe. No dia da entrevista, a avó tinha saído e esquecido de deixar a chave, deixando o mesmo trancado, mas a entrevista não deixou de ser feita. Ficamos na calçada e ele do lado de dentro da casa, estávamos separados por um portão gradeado e a mãe ao lado, também na calçada, mas não sem antes levar para os fundos da casa o cão que não parava de latir. No final da entrevista, ainda tivemos tempo de conhecer a avó e o irmão, sem deixar de ouvir novamente o pedido de desculpas.

Aconteceu em uma entrevista que já estava marcada, a existência de outro endereço bem próximo, mas que eu não conseguia fazer o contato por telefone e resolvemos arriscar ir à residência, mas a mesma apresentava aspecto de que estava fechada há bastante tempo.

Finalmente, em um endereço que ficava próximo ao laboratório e que não atendia às ligações, decidimos também ir visitá-lo sem o contato prévio e justificar a visita. No mesmo funcionava uma lanchonete, e após procurar a mãe do adolescente que também era a proprietária do comércio, e explicar o motivo da ida ao encontro, acertamos que a entrevista seria no domingo, o dia em que ela estaria disponível. O endereço ficava em um bairro próximo, e ao chegar no dia combinado, o telefone que me foi dado não atendia e a campainha também não, porém conseguimos falar com o vizinho que no momento saía de sua casa e este confirmou inclusive ser o inquilino, mas não conseguimos a entrevista para aquele momento. No outro dia, voltamos à lanchonete e acertamos a entrevista para o dia seguinte, mas que desta vez seria no mesmo local, inclusive nesse dia, conhecemos o adolescente. Aconteceu o que foi combinado e quando fomos ao encontro deles, fomos convidados pela mãe do menor a fazer a entrevista na parte de trás do carro

dela, estando ela na cadeira do motorista, tendo o cuidado de ligar o ar condicionado e alegar que teríamos mais privacidade.

Com os recortes das entrevistas e a formação das unidades de significado correspondentes e após o processo de redução, emergiram duas categorias analíticas denominadas: Relacionamento entre pai-filho e Sentimentos e mudanças resultantes da confirmação da paternidade e as reflexões do estudo que estão analisadas a seguir.

## 5.1 RELACIONAMENTO ENTRE PAI-FILHO

A despeito do pressuposto de que a ideia do teste de paternidade nasce de uma necessidade do filho querer saber quem é o pai e depois de conhecê-lo, ter a possibilidade de conviver ou mesmo iniciar um relacionamento pai-filho, foi observado com surpresa na pesquisa é que parte da tríade pai-filho-mãe não possuía desconhecimento absoluto da certeza da paternidade biológica, pois alguns dos participantes tinham o conhecimento pretérito de quem consideravam ser o pai, e outros adolescentes, além do conhecimento da paternidade, tinham convívio com este pai anterior à realização do exame de identificação da paternidade.

Nesse aspecto, temos duas situações distintas de como dois adolescentes conviveram e tiveram os relacionamentos com aqueles que consideravam ser o pai biológico antes da confirmação da paternidade biológica, demonstrando proximidade, conforme as falas transcritas:

Na época do teste de paternidade, a gente já não morava na mesma casa. A4(69)

Às vezes eu ia lá na casa dele, às vezes ele vinha aqui, mas a gente nunca morou junto não. A5(84)

Geralmente, na entrevista que antecede à coleta de sangue para o teste de paternidade no Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN), os endereços que as pessoas confirmam para o preenchimento da ficha do cadastro nos mostram se existe coincidência do mesmo local de residência ou não. Para os nossos participantes, os endereços não eram os mesmos e não havia como saber se existia algum tipo de convivência que antecedia ao teste, pois o objetivo da ficha do

cadastro é apenas o registro dos participantes e orientação na entrevista sobre a coleta e o teste propriamente dito.

Os sujeitos da relação paterno-filiais passaram por um processo de valorização, de modo que os papéis de pai e filho foram reescritos à luz dos princípios constitucionais da dignidade e igualdade. Atualmente, são reconhecidos novos direitos ligados à relação materno-paterno-filial, como o direito de ter filho biológico. A estrutura tradicional da filiação não abrange a realidade contemporânea (CARVALHO, 2015).

O exame de DNA, com a finalidade de identificação paterna, constitui-se em uma possibilidade de aproximação, mas a relação pode começar ou simplesmente nunca se estabelecer (COELHO *et al.*, 2014).

Há demanda social para que os pais contemporâneos exerçam paternidade mais implicada e ativa, no que se refere à convivência e aos cuidados com os filhos (CÚNICO; ARPINI, 2013), todavia para aqueles participantes do estudo que antes da coleta do sangue no laboratório, nunca haviam se encontrado com o suposto pai, a confirmação da paternidade biológica não significou necessariamente o início de um relacionamento entre pai-filho. O pouco convívio com o pai ficou evidente, como podemos observar nas seguintes falas:

A gente se fala, não frequentemente, porque é difícil eu o ver (pai).  
A10(191)

Eu tenho que ir até onde ele trabalha para falar com ele (pai). A11(213)

Mas, com a existência da “certeza da paternidade”, para alguns participantes que relataram um convívio prévio, a busca para identificação biológica da paternidade, a princípio, poderia parecer desnecessária, porém as entrevistas revelaram outras motivações e justificaram para estes adolescentes a necessidade do teste.

A pesquisa mostrou que para alguns adolescentes do estudo, existia antes da confirmação da paternidade dificuldade de convivência com o pai que consideravam ser e havia tentativa de relacionamento por iniciativa dos adolescentes frente às dificuldades interpostas por estes pais, como podemos observar no recorte transcrito abaixo.

Até o ano passado, eu ligava para ele (pai) para saber como ele estava e ele nunca me atendia ou quando me atendia ele estava na igreja e não podia falar. A2(46)

Independentemente de quem coube à decisão pela iniciativa para realização do teste, é incontestável que mudanças ocorreram a partir do reconhecimento do pai biológico. Destaca-se que esta nova realidade, após confirmação da paternidade, foi bastante positiva e proporcionaram para alguns adolescentes que consideravam conhecer o pai biológico e que tinham convívio anterior ao teste, segurança emocional e melhor diálogo. O convívio familiar passa a ser descrito, não apenas pela coabitação, mas pela determinação de práticas afetivas (MOREIRA; TONELI, 2015), conforme as transcrições das falas na sequência.

Mudou o clima entre a gente. Ele me chama para sair. Mudou muitas coisas. A1(9)

Que ele (pai) sente alguma coisa por mim, que eu sou importante para ele. A5(97)

Mudou, mudou que agora ele (pai) fala mais comigo, conversa comigo, que saber como eu estou. A6(124)

A influência do afeto não se circunscreve à socialização individual apenas, mas encontra-se presente tanto na constituição do indivíduo, ou seja, o afeto seria fator intrínseco ao processo de desenvolvimento, assim como na sua integração à sociedade (BRAZÃO, 2015). Também o calor, a proximidade, intimidade que, em geral, remetem ao afeto (MANFROI; MACARINI; VIEIRA, 2011).

Por outro lado, em algumas circunstâncias, em que não existia convivência estabelecida pai-filho, a confirmação da paternidade biológica não promoveu mudança que motivasse o convívio ou não foi suficiente para o estabelecimento de uma relação afetiva. As falas transcritas abaixo retratam esta realidade:

Assim, no meu caso, continuou do mesmo jeito. Ele (pai) só tendo a confirmação, mas não fui procurado mais, a mãe está de prova. A2(30)

A última vez que eu o vi (pai) foi justamente no laboratório para fazer o teste. A7(140)

Está quase sem diferença nenhuma, porque eu não falo com ele (pai). A9(176)

Mesmo que hoje em dia, pareça existir movimento que tem possibilitado aos homens questionar e fortalecer antigos valores e definições para abrir uma nova forma de vivenciar o papel de pai (WARPECHOWSKI; MOSMANN, 2012) e a figura paterna esteja mais próxima de seus filhos, estando eles mais participativos, ainda, há muitos pais que não ocupam este lugar (BENCZIK, 2011).

Por isso, a ausência do pai na vida de alguns participantes deste estudo e, ao mesmo tempo, a companhia da mãe e de outros membros da família, deram a estes adolescentes o suporte emocional e financeiro que os adolescentes precisavam em suas vidas, que após a confirmação da paternidade biológica, ficou evidente nas falas destes participantes a indiferença para o convívio com esses pais biológicos agora identificados. Os adolescentes não sentem a falta de um pai e não reconhecem sua importância, como se verificou nos recortes abaixo.

Eu nunca precisei dele (pai), eu sempre tive o meu avô, a minha mãe, a minha avó. A10(200)

A pessoa que estava comigo desde a hora que eu nasci e está até hoje é a minha mãe. A11(217)

A partir da análise dos recortes apresentados, podemos observar que apesar das diversas situações remetidas ao relacionamento entre pai-filho, inclusive com a ausência desta relação, e mesmo tendo o adolescente o apoio da mãe e de parentes próximos e tudo que envolve a confirmação da paternidade biológica com a possibilidade de despertar o compromisso paterno e se iniciar um convívio do pai e dos parentes paternos com o adolescente, a busca pelos direitos permanece e as prerrogativas que dele advêm também, exemplo disso é a procura pela identificação biológica da paternidade pelo teste de DNA, devido à pensão alimentícia. O que continua indiscutível é o filho ser o elemento da tríade que denota a necessidade de um maior cuidado, sendo o elo mais vulnerável.

## 5.2 SENTIMENTOS E MUDANÇAS RESULTANTES DA CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE

A ausência, o distanciamento, o abandono material e o polêmico abandono afetivo não descrevem necessária e exclusivamente filhos de paternidade legalmente indeterminada. Entretanto, a necessidade de identificação do nome do

pai tem sido vista por parte dos juristas como primeiro passo para levantar a discussão mais ampla do papel do pai na vida dos filhos (VIEIRA, 2012).

Com os progressos nas técnicas médicas, a verdade biológica ganhou suma reverência. Primeiro, com os exames de sangue e, depois, de DNA. O pai pode agora reconhecer o filho biológico, pode ser demandado para o reconhecimento da paternidade e, até mesmo, impugnar a paternidade que lhe foi atribuída (CARVALHO, 2015). A ação de investigação de paternidade pode ser intentada pela mãe, pelo pretense pai, pelo filho (menor ou maior de idade) e ou pelo Estado, desde que este tenha a autorização de um dos componentes da tríade (pai-filho-mãe) (MACHADO; SILVA; MIRANDA, 2012).

A paternidade, após criação do exame de DNA, passa a ser algo concreto, não pela relação de parentesco estabelecida, mas por se constituir em um dado empiricamente demonstrável (MOREIRA; TONELI, 2013). Nos dias atuais, o teste de DNA é o método mais preciso para identificação de paternidade (DIAS; NOGUEIRA, 2013), sendo capaz de afirmar, com precisão elevadíssima, a origem genética do indivíduo e, assim, filiação e proteção jurídica buscada pela sociedade (MEDEIROS, 2012).

A certeza da paternidade também ficou clara nas palavras de alguns participantes do estudo, devido ao conhecimento antecipado de quem consideravam ser o seu pai biológico e, mesmo a inferência da investigação da paternidade envolver a dúvida desta paternidade, parcela dos adolescentes se mostrou segura, conforme as transcrições abaixo.

Só que eu não tinha dúvida de ele ser o meu pai não. A3(57)

Eu nunca tive dúvida. A gente morava junto e ele (pai) sempre foi bom comigo. A4(64)

Apesar da afirmação por determinados participantes da pesquisa de que não havia dúvida sobre o resultado do teste de paternidade, a necessidade de ter que realizar o exame de DNA para identificação biológica da paternidade, como consequência do questionamento do suposto pai sobre a responsabilidade na geração do filho, provocou desconforto em alguns adolescentes antes da confirmação da paternidade, pois atrás da incerteza que o exame trouxe, estava um

sentimento de uma possível perda de uma história de convivência anterior entre pai-filho. Vejamos no recorte transcrito a seguir:

Eu fiquei pensando assim [...] O que ele é então se ele não é o meu pai?  
A6(120)

A dúvida que a investigação pelo DNA provocou em alguns adolescentes ficou no passado após confirmação da paternidade, e os participantes do estudo trouxeram em suas falas a emoção e o alívio do resultado do teste, como revelam os recortes das entrevistas transcritas abaixo:

Sentimento de expressar alegria que eu estou sentindo por ele ser o meu pai e ao mesmo tempo certa felicidade. A3(59)

Eu me senti aliviado de saber, porque ele (pai) começou a falar que a gente não era filho dele. A6(119)

Pelos convívios pré-existentes entre pai-filho confirmados nos recortes anteriores, em que havia a certeza de quem era o pai para os participantes da pesquisa, surgiu o descontentamento em decorrência da dúvida e da negação da paternidade pelo pai e o pedido para realização do teste, pois era contraditório ao que sentiam os adolescentes e suscitaram sentimentos de decepção e frustração, opostos às falas anteriores transcritas, se não vejamos.

Aí, ele (pai) fazer um negócio desses. A8(160)

Eu fiquei muito chateada com ele, porque tanto ele sabia que ele era o meu pai quanto eu sabia e minha mãe também. A12(232)

A demanda pela solicitação do teste de identificação da paternidade do estudo foi majoritariamente devido à pensão alimentícia, cujas mães procuraram a justiça para exigir o direito dos filhos a receberem ajuda material e os pais questionavam essa ajuda pela suspeição da paternidade. No meio dessa disputa, estavam os adolescentes, que se dividiam naqueles que não conheciam o pai e naqueles que conheciam o pai que consideravam ser seu, pois já tinham coabitado a mesma casa ou nos participantes que também consideravam conhecer este pai, mas nunca viveram juntos, em que a falta de uma relação parental acabou por distanciar este pai que agora era reconhecido pelo teste de DNA.

Alguns participantes do estudo viviam com mães e avós e tiveram registrados na certidão de nascimento o nome dos avós como “pai e mãe”, que também são corresponsáveis pela educação destes. Esta situação que envolve afeto dos adolescentes com os avós e a possibilidade de incluir o nome do pai no Registro Civil de Nascimento que implica uma série de direitos civis, além de benefícios psicológicos para o filho (ZIMMERMANN; ALVES; SCHRÖPFER, 2014), além da figura imaginária que sustenta simbolicamente a figura paterna (MOREIRA; TONELI, 2015), mostrou atitudes diferentes dos participantes quanto à inclusão do nome deste pai biológico na certidão de nascimento. Estes recortes transcritos abaixo mostram estes comportamentos opostos dos adolescentes.

Não, não vou querer (colocar o nome do pai), porque deixa assim mesmo, os meus avós mesmo. A1(20)

Porque ele é o meu pai e ele veio para me registrar... Por isso que eu quis. A3(61)

Não obstante as dificuldades que o distanciamento do pai pode provocar, no sentido da real importância da função paterna no psiquismo infantil e do seu impacto no desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos filhos (BENCZIK, 2011), não foram observadas durante as entrevistas dos participantes da pesquisa nenhum comentário que levasse ao entendimento de uma interferência para o convívio pai-filho pela mãe ou responsável pelo adolescente e nada que remetesse a uma desqualificação do pai ausente.

A situação parece mostrar uma percepção por parte dessas mães no que se refere à importância de não haver a transferência dos possíveis conflitos decorrentes do relacionamento conjugal que deixou de existir para relação parental (WARPECHOWSKI; MOSMANN, 2012). Também foi evidenciado no estudo de Cúnico e Arpini (2016), a despeito das adversidades decorrentes do afastamento do pai, que as mães lidavam com as questões que envolviam os sentimentos das crianças frente à ausência paterna, por meio de uma relação de proximidade e diálogo, não desqualificando o pai ausente para os filhos.

Dessa forma, apesar de um dos participantes do estudo ter que esperar até a adolescência para conhecer o suposto pai apenas no dia do exame, e mesmo não sendo estabelecido um relacionamento próximo ao genitor após a identificação biológica, a confirmação da paternidade trouxe consigo um ganho adicional, pois

houve ampliação do núcleo familiar do adolescente, cujo recorte abaixo relata a convivência com a família paterna que passou a conhecer.

A família dele (pai), as minhas tias, é bem legal, as minhas primas, principalmente. A10(192)

Por não ser o objetivo da pesquisa, este estudo não teve como discernir entre os participantes se estes nasceram no contexto de relações consensuais, ou de uniões estáveis mesmo que sem coabitação, e nascimentos de mães solteiras, mas mostrou pelos recortes das entrevistas dos adolescentes que algumas das mães tiveram que buscar a identificação biológica da paternidade como consequência da necessidade da ajuda material para os filhos e para dirimir a dúvida do genitor sobre a paternidade dos filhos de maneira que não faltasse a responsabilidade perante estes filhos. As falas dos participantes abaixo exemplificam os motivos.

Só sei que foi pedido de fazer o teste de paternidade por causa da pensão, pelo o que eu acho. A4(71)

Minha mãe pediu porque ele (pai) estava falando que a gente não era filho dele. A6(118)

A despeito do que vimos e mais do que uma prática efetiva de procurar proporcionar à criança o apoio financeiro e afetivo do pai, os tribunais se limitam a facultar a identificação do pai biológico: a paternidade legal, com efeitos, sobretudo simbólicos, e que vão ao encontro dos objetivos burocráticos da política estatal de identificação dos cidadãos (MACHADO et al., 2010).

Se por um lado predomina o sentimento de busca da verdade real, no sentido de propiciar meios adequados ao investigante para que tenha assegurado um direito que lhe é imanente, por outro, reina a curiosidade, a dúvida, a oportunidade, ou até mesmo o oportunismo, para que se veja o ser humano – tão falho por muitas vezes – livre das amarras não apenas de um relacionamento fracassado, como também das obrigações decorrentes da sua dissolução. Existem, pois, ex-cônjuges e ex-companheiros; não podem existir, contudo, ex-pais (CARVALHO, 2015).

Para Cúnico, Arpini e Cantele (2013), mesmo que a justiça faça sua parte no que diz respeito ao abandono material, oferecendo mecanismos de cobrança e

sanção aos pais que não pagam ou boicotam a pensão alimentícia. No entanto, o que realmente preocupa é o abandono psíquico e afetivo que a não presença do pai infringe a criança.

Fator importante na manutenção da relação parental para Cúnico e Arpini (2013) que é influenciado após a separação é a relação estabelecida entre os ex-cônjuges, pois a ausência de um relacionamento amigável com o ex-companheiro e/ou a família deste favorece o distanciamento dos filhos provenientes desta relação, podendo acontecer uma Alienação Parental. Foi Richard Gardner, psiquiatra norte americano, que definiu Alienação Parental, na década de 80 do século passado, como um distúrbio infantil que acometeria crianças e adolescentes envolvidos em situações em que os pais disputam a guarda. Essa síndrome ocorre no seguinte instante que um dos genitores começa a desqualificar a imagem do outro genitor para que a criança o rejeite (SOUSA; BRITO, 2011)

Isso equivale a dizer que, por mais que as leis tentem, por meio de investigações de paternidade e registros cartoriais, trazer garantias da paternidade, não há como assegurar que o genitor irá se comprometer em exercê-la.

A necessidade da realização do exame de DNA, para fins de comprovação biológica de paternidade efetuado no LACEN, não faz parte de uma demanda de análises laboratoriais de interesse da vigilância em saúde para melhoria da saúde da população. Se nos fixarmos somente aos agravos de saúde pública que a nossa população sofre, entenderemos realmente assim, pois ao pensarmos na quantidade de exames realizados para numerosas doenças significativas, como a gripe pelo vírus H1N1, dengue, HIV, hepatites, entre outras, não seria indicado outro tipo de atividade, porém devemos entender o grande impacto social que o Setor de Paternidade possui e como é importante para as numerosas famílias que são atendidas e não possuem condições de pagar ter acesso a esta tecnologia gratuitamente.

Autonomamente do que possa acontecer após o envio do laudo de investigação de paternidade entregue pelo Laboratório Central de Saúde Pública (LACEN) à justiça. A equipe do setor de paternidade preza por uma análise de forma criteriosa e responsável e espera que o resultado do teste auxilie as famílias nos seus objetivos e que a justiça assegure os direitos dessas famílias e, em especial, dos adolescentes.

### 5.3 REFLEXÕES DO ESTUDO

A pesquisa com a participação de adolescentes nos levou ao entendimento, tal qual definem Senna e Dessen (2012), de que a adolescência não é algo acabado, que tenha um início e um fim bem definidos. A delimitação deste período ultrapassa aspectos cronológicos e biológicos e esbarra em condições sociais, culturais, históricas e psicológicas específicas. Portanto, precisa ser compreendida, tendo como base a noção de que um mesmo resultado em desenvolvimento pode ser alcançado por diferentes meios e em contextos relativamente diferentes.

A experiência de estar próximo aos adolescentes permitiu a descoberta de detalhes particulares relevantes ao processo de investigação da paternidade dessas pessoas, no que se refere à confirmação da paternidade biológica em suas vidas. Por meio das entrevistas realizadas com os participantes, fomos conduzidos por suas certezas e inquietações, assim como pela inédita percepção desta experiência.

Vivenciar a confirmação da paternidade biológica nesta fase tão especial da vida, como a adolescência, determina mais um desafio na mudança no cotidiano dessas pessoas e de suas famílias. Com o resultado do teste de identificação da paternidade, são vivenciadas emoções e situações que impactam também o equilíbrio familiar.

Com o pedido da realização do teste de paternidade pelo exame de DNA, até a entrega do resultado da confirmação biológica, os participantes do estudo vivenciaram sentimentos, como felicidade, alívio e raiva. A espera pelo resultado pode levar até um ano, não pela demora da realização do exame em si, mas devido ao intervalo de tempo do pedido na justiça para realização do teste, passando pela marcação do exame, coleta do sangue, liberação do resultado e entrega do laudo, por meio de marcação de nova audiência.

O período em que os participantes do estudo aguardaram pela confirmação da paternidade, ainda se torna mais desconfortável se contarmos o tempo que estes adolescentes viveram até chegar a este dia. No entanto, foi surpreendente que uma parcela desses participantes considerava conhecer o pai, mas foram obrigados a vivenciar a investigação da paternidade como consequência

de uma relação fracassada de seus pais, na qual um dos genitores deixa de assumir seus compromissos.

Assim, a investigação da paternidade surgiu como esperança para os adolescentes esquecidos pelo genitor e necessitados de segurança alimentar. Seguindo esta confirmação da paternidade biológica, está a esperança renovada de uma ajuda material até uma possibilidade da aproximação pai-filho.

As pessoas que se relacionam e geram filhos nem sempre se tornam na plenitude mães e pais destes filhos, e é por isso que surgem as demandas corretivas da sociedade para o aporte material destes nascidos; criados solitariamente por mães ou com o apoio dos avós maternos, como identificados neste estudo, permanecem com a necessidade de ajuda material, pois existe toda uma vida de planos, projetos e sonhos que esses adolescentes precisam pôr em prática.

Merece destaque as diferentes repercussões para os pedidos do teste de DNA, manifestadas nas entrevistas dos participantes que tiveram mães, pais, avós e eles próprios interessados na confirmação genética. As motivações foram distintas e, independente do conhecimento informal de ser aquele seu pai biológico, a confirmação da paternidade significa para os adolescentes, além do direito à personalidade, o início ou recomeço de uma convivência com o pai, e o estabelecimento do pagamento da pensão alimentícia.

As possibilidades interpostas dessa confirmação biológica que os participantes trouxeram nas entrevistas nos mostram que a identificação da paternidade é um componente formador da personalidade que permitiu para alguns adolescentes estabelecer relacionamento com o pai, assim como a família paterna, em uma perspectiva feliz para esta fase da vida.

Os participantes do estudo, ao serem entrevistados, sempre tiveram a presença da mãe ou da avó, e não poderia ser de outra forma, mas durante as entrevistas, os adolescentes, em alguns momentos, confirmavam suas respostas com seus responsáveis, em que não havia maiores questionamentos entre ambos.

O momento das entrevistas foi uma grande experiência e uma oportunidade de entender a realidade que estas pessoas enfrentam, pois no ato da coleta para o teste, não é esse o nosso papel, mas tivemos a oportunidade de esclarecer e ouvir as histórias que estas famílias enfrentaram na busca por seus direitos.

A confirmação da paternidade provoca mudanças na vida dos adolescentes e na dinâmica familiar, o que traz para estas pessoas uma nova perspectiva de vida. Logo, o acompanhamento destas famílias é fundamental para manutenção dos direitos e apoio aos adolescentes.

Tem-se a convicção de que este estudo não esgota a problemática dos adolescentes e a busca da identificação paterna, em especial no que se refere à ausência paterna. No entanto, entende-se que ele pode contribuir para que algumas questões sejam pensadas, principalmente no que tange ao desenvolvimento dos papéis parentais após dissolução conjugal ou quando esta relação nunca tenha existido.

De qualquer forma, a busca pela paternidade com as características emocionais existentes desta certeza e pelos direitos que dela emana, encontrou-se nos adolescentes que a procuraram ou que nela foram participantes, relatos de uma nova realidade que agora se estabelece em ter um pai para dizer que é seu.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A confirmação da paternidade biológica nesta fase tão especial da vida, como a adolescência, determina mais um desafio na mudança no cotidiano destas pessoas e de suas famílias. Com o resultado do teste de identificação da paternidade, são vivenciadas emoções e situações que impactam também o equilíbrio familiar.

Como farmacêutico atuante na área, observamos quando realizávamos as entrevistas que antecederam à coleta de sangue para o teste de paternidade envolvendo principalmente filhos que estavam na adolescência, reações e comportamentos que não estavam relacionados ao ato da coleta para o exame, mas com a expectativa do resultado do teste, havia também na sala atmosfera que, em alguns momentos, chegava ao desconforto pelos olhares dos filhos e as cobranças dos adultos.

Durante a pesquisa, percebemos dificuldades que os adolescentes e respectivas famílias passavam, não apenas pelas limitações financeiras, às vezes precisando da ajuda de outros parentes para as despesas diárias, mas pelo fato de que após a confirmação da paternidade, os direitos adquiridos pelos adolescentes seriam assegurados.

Mesmo que uma surpreendente parcela desses adolescentes que participaram do estudo considerasse conhecer previamente o pai, precisaram participar de uma investigação de paternidade como consequência de uma relação fracassada dos pais, mas principalmente porque os genitores deixaram de assumir os compromissos monetários e afetivos, em que a pesquisa nos permitiu a aproximação com estes adolescentes e ouvir o relato sobre dúvidas e incertezas, pois ficava difícil o entendimento para alguns participantes sobre a obrigatoriedade de um exame para comprovar uma relação que já existia ou questionamento de uma paternidade que a mercê da falta de responsabilidade do genitor era vivida pelo adolescente.

Apesar do processo que resulta na identificação da paternidade possa ser uma esperança para os adolescentes esquecidos pelo genitor e necessitados de uma segurança alimentar, pudemos comprovar na pesquisa que os problemas de atrasos ou não pagamentos da pensão alimentícia permaneceram mesmo após a paternidade ser confirmada e isso é frustrante, pois depois de tantos recursos

empregados, constatar a dificuldade dessas pessoas pela falta de uma assistência social continuada da justiça, pois a demanda não se encerra com a confirmação da paternidade, portanto, vejamos a oportunidade a título de contribuição, compartilhar estes resultados com os setores competentes ligados às Varas de Família e à Defensoria Pública, para que haja acompanhamento cuidadoso e sistemático da relação pai e filho, não somente no que se refere à provisão material, como também aos aspectos da relação parental.

Nas entrevistas realizadas durante a pesquisa, pudemos confirmar que após a confirmação da paternidade biológica, houve algumas aproximações de pai-filho e de filho com a família paterna, foi gratificante compartilhar os momentos de alegria dos adolescentes ao serem reconhecidos como filhos e passarem a ter um convívio com os genitores, com a esperança renovada para estes adolescentes realizarem seus sonhos e prosseguirem com suas vidas em uma perspectiva mais saudável.

As limitações do estudo envolveram primeiramente a própria dificuldade de falar ao telefone com os responsáveis pelos adolescentes devido às mudanças dos números disponibilizados na ficha de registro dos participantes do teste ou mesmo de encontrá-los em suas residências no horário comercial. Ocorreu também o fato de algumas mães não autorizarem a entrevista por relatarem desgaste emocional dos filhos.

O profissional agrega experiência quando todos os envolvidos no processo participam da discussão que favoreça a aproximação das pessoas e proteja o indivíduo com voz menor. Considerando que após confirmação da paternidade repercute na vida dos adolescentes de várias formas, mas seguem demandas de natureza distintas, envolvendo aspectos sociais e jurídicos, ainda se faz necessária proteção dos direitos dos adolescentes e acompanhamento social dessas famílias, de modo que possamos assegurar os direitos destes indivíduos a partir do compartilhamento destes resultados com as autoridades do judiciário.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; FEFFERMANN, M.; RÉGNIER, J. C. Coesão social e vulnerabilidade no Brasil juventudes e violências. **POIÉSIS – Revista do programa de pós-graduação em educação**, Tubarão, v. 5, n. esp. 1, p. 165-183, jun./dez. 2012.
- ADLER, P. A., ADLER, P. **Expert voices**. In: BAKER, S., EDWARDS, R. (Orgs.). **How many qualitative interviews is enough?** Southampton, UK: Council National Centre for Research Methods, 2012.
- BENCZIK, E. B. P. A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. **Revista de Psicopedagogia**, v. 28, n. 85, p. 67-75, 2011.
- BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2014.
- BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília: Ministério da Saúde, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm)>. Acesso em: 15 jun. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de ações programáticas e estratégicas. **Impacto da violência na saúde das crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
- BRAZÃO, J. C. C. A implicação do afeto na psicologia do desenvolvimento: uma perspectiva contemporânea. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 342-358, 2015.
- CABISTANI, R. M. O. Formulações sobre o desejo e a economia da angústia na adolescência. **Estilos da Clínica**, v. 14, n. 27, p. 34-47, 2009.
- CARVALHO, C.S. Os novos direitos e a filiação: algumas notas sobre os novos problemas, dilemas, concepções da filiação. **Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais**, Curitiba, v. 11, n. 252-275, 2015.
- COELHO, O. C. S. et al. Centro de reconhecimento de paternidade do Tribunal de Justiça de Minas Gerais: avaliação da demanda e nível de resolubilidade. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research (BJSCR)**, v. 7, n. 2, p. 19-24, jun./ago., 2014.

CÚNICO, S. D., ARPINI, D. M. Projeto parental não compartilhado: implicações no exercício da parentalidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 33, p. 1-9, 2016.

CÚNICO, S. D., ARPINI, D. M. O afastamento paterno após o fim do relacionamento amoroso: Um estudo qualitativo **Interação em Psicologia**, v. 17, n. 1, p. 99-108, 2013.

CÚNICO, S. D., ARPINI, D. M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando Famílias**, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013.

CÚNICO, S. D., ARPINI, D. M., CANTELE, J. A impossibilidade no exercício da paternidade: algumas reflexões. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 353-370, dez. 2013

DIAS, F. A.; NOGUEIRA, H. B. A prova da investigação de paternidade. **Revista de Ciências Jurídicas e Sociais**, v. 3, n. 1, p.70-76, 2013.

DITZ, A. S.; MELO, R. R.; BORGES, C. M.; CAMPOS, A. C. V. A percepção dos profissionais da Estratégia da Saúde da Família sobre o conceito de família. **Enfermagem Revista**, v. 16, n. 2, p. 112-12, maio/ago. 2013.

EIZIRIK, M.; BERGMANN, D. S. Ausência paterna e a sua repercussão no desenvolvimento da criança e do adolescente: um relato de caso. **Rev. Psiquiatria. do Rio Grande do Sul**, v. 26, n. 3, p. 330-336, set./dez. 2004.

FONSECA, F. F. et al. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 31, n. 2, p. 258-64, 2013.

FREITAS, R. C. S.; BRAGA, C. D.; BARROS, N. V. Política social, famílias e gênero – temas em discussão. **Argumentum**, Vitória, v. 4, n. 2, p. 111-126, jul./dez. 2012.

FREITAS, W. M. F.; SILVA, A. T. M. da; COELHO, E. de A. C.; GUEDES, R. N.;

LUCENA, K. D. T. de; COSTA, A. P. T. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. **Rev Saúde Pública**, v. 43, n. 1, p. 85-90, 2009.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 182 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

GOMES, A. J.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 20, n. 2, p.119-25, maio/ago. 2004.

GOMES, S. J. B.; BARRETO, W. P. A colisão de dignidades entre o direito ao reconhecimento da paternidade biológica e a recusa do suposto pai em fornecer material para o exame de DNA. **Rev. Unifamma**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 47-57, nov. 2012.

JESUS, R. L. **Paternidade sócio afetiva**. 2008. 56 f. Monografia (Pós-graduação em Direito Civil e Processual Civil) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2008.

LAGOS, L. M.; POGGI, M. H.; MELLADO, S. C. Conceptos básicos sobre el estudio de paternidad. **Rev. Med. Chile**, v. 139, n. 4, p. 542-547, abr. 2011.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MACHADO, H. C. F. et al. Regulação da investigação da paternidade biológica: perspectiva comparada. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 573-586, jul./dez. 2012.

MACHADO, H.; SILVA, S. **Testes de paternidade: ciência, ética e sociedade**. Braga, PT, Húmus, 2012.

MACHADO, H. et al. “Pai à força”: desigualdades de gênero e configurações da parentalidade nos testes de DNA. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E GÊNERO, 8., 2010, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2010.

MANFROI, E. C.; MACARINI, S. M.; VIEIRA, M. L. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. **Rev. Bras. Cresc. e Desenv. Humano**, v. 21, n. 1, p. 59-69, 2011.

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 555-568, 2003.

MEDEIROS, R. V. Z. A prova científica do DNA ação de investigação de paternidade: uma visão comparada entre o direito brasileiro e o português. **Revista Juris Rationis**, v. 5, n. 2, abr./set. 2012.

MEIRA, I. F.; PINHEIRO, M. A. A família em mutação e o conflito temporal. **Humanae - Questões controversas do mundo contemporâneo**, v. 8, n. 2, 2014.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORA, E. Desenvolvimento fisiológico: dos nove aos dezesseis anos. In: \_\_\_\_\_. **Coleção psicopedagogia infanto-adolescente**: puberdade e adolescência. Rio de Janeiro: Grupo Cultural, 2007. p. 364-379.

MOREIRA, L. E.; TONELI, M. J. F. Abandono afetivo: afeto e paternidade em instâncias jurídicas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 4, p.1257-1274, 2015.

MOREIRA, L. E.; TONELI, M. J. F. Paternidade responsável: problematizando a responsabilização paterna. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. 2, p. 388-398, 2013.

MOREIRA, M. I. C.; BEDRAN, P. M.; CARELLOS, S. M. S. D. Família contemporânea brasileira em contexto de fragilidade social e os novos direitos das crianças: desafios éticos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 161-180, abr. 2011.

NUNES, S. A. N.; FARACO, A. M. X.; VIEIRA, M. L. Attachment and parental practices as predictors of behavioral disorders in boys and girls. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 56, p. 369-377, set./dez. 2013.

QUIROGA, F. L.; VITALLE, M. S. S. O adolescente e suas representações sociais: apontamentos sobre a importância do contexto histórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 863-878, 2013.

POLIT, D. F.; BECK, C. T. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**: avaliação de evidências para a prática de enfermagem. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SENA, I. J.; FARIAS, M. L. S. O. Função paterna e adolescência em suas relações com a violência escolar. **Revista Mal-estar e subjetividade**, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 111-136, mar. 2010.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101-108, jan./mar. 2012.

SGANZERLA, I. M.; LEVANDOWSKI, D. C. Ausência paterna e suas repercussões para o adolescente: análise da literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 295-309, ago. 2010.

SILVA, M. S. L. da. Ausência paterna e adição alcoólica: os elementos que transitam e constituem essa relação. **Caderno Discente ESUDA**, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2015.

SOUSA, A. M.; BRITO, L. M. T. Síndrome de alienação parental: da teoria norte-americana à nova lei brasileira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 2, p.268-283, 2011.

STAKE, R. E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

VORCARO, A.; MAZINNI, C. A.; MONTEIRO, J. P. Ato infracional e metáfora paterna. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 10, n. 2, p. 135-146, 2008.

WARPECHOWSKI, A., MOSMANN, C. A experiência da paternidade frente à separação conjugal: Sentimentos e percepções. **Temas em Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 247-260, 2012.

WEINMANN, A. O. Juventude transgressiva: sobre o advento da adolescência. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 382-390, 2012.

ZAPPE, J. G.; DIAS, A. C. G. Delinquência juvenil na produção científica nacional: distâncias entre achados científicos e intervenções concretas. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n. 33, p. 82-103, ago./dez. 2010.

ZIMMERMANN, B. C. P.; ALVES, C.; SCHRÖPFER, F. M. Pai? Presente! Na busca de uma paternidade efetiva e afetiva. In: JORNADA DE EXTENSÃO: SALÃO DO CONHECIMENTO-CIÊNCIA, TECNOLOGIA, CONHECIMENTO SOCIAL, 15., 2014, Ijuí, RS. **Anais...**, Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2014. p. 1-5.

## APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Pais e Responsáveis

Nº do Instrumento: \_\_\_\_\_

Caro (a) Senhor (a):

Eu, **CARLOS JOSÉ MATOS FRANCO**, farmacêutico, estarei realizando uma pesquisa com os adolescentes que compareceram ao Setor de Paternidade do Laboratório Central de Saúde Pública, LACEN/CE, e tiveram a confirmação da paternidade através do teste de DNA. Sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa, professora do mestrado profissional da Universidade Estadual do Ceará, o trabalho intitulado: **CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO ADOLESCENTE** tem como objetivo: Conhecer as repercussões na vida dos adolescentes após a confirmação da paternidade biológica. Espera-se, com essa pesquisa, contribuir para ações efetivas que possam ser planejadas, desenvolvidas e executadas, visando o aperfeiçoamento do serviço prestado a população adolescente.

Caso o (a) senhor (a) permita a realização da pesquisa, seu (sua) filho (a) será entrevistado (a) com perguntas que possam ajudar a conhecer estas repercussões na vida dele (a). Esta pesquisa se assemelha a atividades rotineiras como conversar, ler, enviar mensagens de texto, entre outros, mas existe o risco de constrangimento. Caso exista algum desconforto durante a entrevista, podemos parar as perguntas. Informamos ainda, que:

O nome do seu (sua) filho (a) ou qualquer outra informação que possa identifica-lo (a) não será divulgado; A sua participação poderá trazer melhorias para a qualidade das ações prestadas aos adolescentes atendidos; Não haverá nenhum gasto para o senhor (a); Não haverá recompensa financeira pela sua participação na pesquisa; A qualquer momento, o (a) senhor (a) poderá ter acesso às informações dessa pesquisa;

Em qualquer etapa do estudo o (a) senhor (a) poderá ter acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para os esclarecimentos de dúvidas inesperadas;

Estaremos disponíveis para outros esclarecimentos no seguinte endereço; Av. Barão de Studart, 2405 – Dionísio Torres, Fortaleza/CE, CEP 60120-002, ou no telefone (85) **3101 1518**, falar com **Carlos José Matos Franco** no

horário de 13 às 17h ou ainda pelo e-mail: carlos.franco.jm@gmail.com. E ainda encontra-se à disposição a professora orientadora dessa pesquisa, **Dra. Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa**, disponível na Universidade Estadual do Ceará (UECE), Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente, Fortaleza/CE, CEP: 60.740-000 pelo e-mail: pessoa\_vera@hotmail.com;

Se o (a) senhor (a) desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)** da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza/CE, CEP: 60.740-000 ou no telefone (85) **3101 9890** de segunda à sexta-feira no horário de 08 às 12h e 13 às 17h.

### **TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, acredito ter sido suficiente esclarecido (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre a pesquisa descrita. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os métodos a serem realizados, seus riscos e desconfortos, as garantias de sigilo e de esclarecimentos e explicações permanentes. Concordo com a realização da pesquisa em minha residência, sendo livre de despesas e que poderei retirar a permissão a qualquer momento, antes ou durante a pesquisa, sem penalidades ou prejuízo. Também autorizo o (a) adolescente sob minha responsabilidade a participar da pesquisa em questão, sabendo que os mesmos princípios éticos serão obedecidos para ele (a).

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisado

APÊNDICE B – Termo de Assentimento para Adolescentes

Nº do Instrumento: \_\_\_\_\_

Você está sendo convidado (a) participar da pesquisa “**CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E A SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO ADOLESCENTE**”. O pesquisador responsável por ela é o farmacêutico Carlos José Matos Franco, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa.

Nosso interesse em realizar o trabalho está em conhecer as repercussões na vida dos adolescentes após a confirmação da paternidade biológica através do teste de DNA realizado no Laboratório Central de Saúde Pública, LACEN/CE. Esta pesquisa será feita em sua residência. Nossa conversa será gravada com um gravador portátil, e esta poderá ser interrompida por você ou sua/seu mãe/pai/responsável a qualquer momento, sem nenhum tipo de punição ou perdas para vocês.

A participação nesta pesquisa é voluntária, ou seja, você ou sua/seu mãe/pai/responsável não receberão ganho financeiro para responder a estas perguntas. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este pesquisa se assemelha a atividades rotineiras como conversar, ler, enviar mensagens de texto, entre outros, mas existe o risco de constrangimento. Caso exista algum desconforto durante a entrevista, podemos parar as perguntas.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será divulgado. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador por um período de cinco anos e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo uma cópia arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Estaremos disponíveis para outros esclarecimentos no seguinte endereço; Av. Barão de Studart, 2405 – Dionísio Torres, Fortaleza/CE, CEP 60120-002, ou no telefone (85) **3101 1518**, falar com **Carlos José Matos Franco** no horário de 13 às 17h ou ainda pelo e-mail: carlos.franco.jm@gmail.com. E ainda se encontra à disposição a professora orientadora dessa pesquisa, **Dra. Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa**, disponível na Universidade Estadual do Ceará (UECE), Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Mestrado Profissional em Saúde

da Criança e do Adolescente, Fortaleza/CE, CEP: 60.740-000 pelo e-mail: pessoa\_vera@Hotmail.com.

Se você deseja obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o **Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)** da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza/CE, CEP: 60.740-000 ou no telefone (85) **3101 9890** de segunda à sexta-feira no horário de 08 às 12h e 13 às 17h.

### **TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, acredito ter sido suficiente esclarecido (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim sobre a pesquisa acima. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os métodos a serem realizados, seus riscos e desconfortos, as garantias de sigilo e de esclarecimentos e explicações permanentes. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo com a realização da pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Assinatura do adolescente

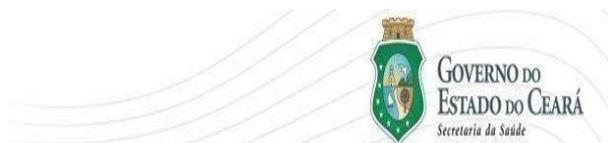
---

Assinatura do responsável

---

Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE C – Carta de Anuência para Realização da Pesquisa



Ilmo Sra. Diretora do LACEN

Solicitamos autorização institucional para a realização da Pesquisa Intitulada **“CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO ADOLESCENTE”** a ser realizada neste Laboratório Central de Saúde Pública do Ceará, LACEN/CE, no Setor de Paternidade pelo pesquisador Carlos José Matos Franco, sob a orientação da Profa. Dra. Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa, que tem como objetivo: Conhecer a repercussão na vida dos adolescentes após a confirmação da paternidade biológica.

Ao mesmo tempo, solicitamos a autorização para que o nome desta instituição possa constar no relatório final, bem como em publicações futuras, sob a forma de artigo científico. Asseguramos que os dados coletados nesta instituição serão utilizados tão somente para a realização deste estudo e mantidos em sigilo absoluto e o nome dos usuários serão mantidos no anonimato conforme determina o item III. 2 “i” da resolução do CNS/MS nº 466, de 12 de dezembro de 2012.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta diretoria/LACEN, agradecemos antecipadamente a atenção ficando à disposição para qualquer esclarecimento que se faça necessário.

( ) Concordo com a solicitação.

( ) Não concordo com a solicitação.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Carlos José Matos Franco - Pesquisador

---

Liana Perdigão Mello - Diretora do LACEN/CE

## APÊNDICE D – Termo de Fiel Depositário



Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, a Sra., Diretora do Laboratório Central de Saúde Pública do Ceará, LACEN/CE, Liana Perdigão Mello, RG nº \_\_\_\_\_ depositário(a) dos documentos consubstanciados dos resultados dos exames laboratoriais para identificação de paternidade do LACEN/CE, situado à Av. Barão de Studart, 2405 - Dionísio Torres, Fortaleza - CE, CEP 60120-002 , após ter tomado conhecimento do protocolo de pesquisa: **CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO ADOLESCENTE** cujo objetivo é: **Conhecer a repercussão na vida do adolescente após a confirmação da paternidade biológica**, autorizo Carlos José Matos Franco, farmacêutico, RG 94002104537 SSP-CE, residente na R. prof. José Silveira, 519, Casa 14, Passaré e a Profª. Drª. Vera Lúcia Mendes de Paula Pessoa, professora do Mestrado Profissional da Universidade Estadual do Ceará, orientadora desta pesquisa, a coletar dados para instrumentalização do protocolo de pesquisa, ficando esta responsável solidariamente pela guarda e custódia dos dados e informações que receberem do depositário, resguardando os direitos assegurados pela resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, em especial:

- 1) Garantia de privacidade, confidencialidade, anonimato e não utilização das informações em prejuízo dos envolvidos ou de terceiros;
- 2) Emprego dos dados somente para os fins previstos nesta pesquisa.

Fica claro que o fiel depositário pode, a qualquer momento, retirar sua **AUTORIZAÇÃO** e ciente de que todas as informações prestadas torna-se-ão confidenciais e guardadas por força de sigilo profissional do pesquisador responsável.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Liana Perdigão Mello - Diretora do LACEN

## APÊNDICE E – Roteiro de Entrevista Semiestruturado para os Adolescentes

Nº do Instrumento: \_\_\_\_\_

Perguntas norteadoras:

- 1) O que você sentiu ao saber da confirmação da paternidade?
- 2) Como foi a experiência no começo?
- 3) Como está a sua vida após a confirmação da paternidade?

APÊNDICE F – Recortes Expressivos e Unidades de Significado

RECORTES EXPRESSIVOS		UNIDADE DE SIGNIFICADO
A1 (1)	Eu já tinha quase certeza. (da paternidade)	Certeza da paternidade
A1 (2)	E ele (pai) queria mais a certeza ainda.	Dúvida por parte do pai da paternidade
A1 (3)	Ele (pai) queria só a confirmação. (da paternidade)	Dúvida por parte do pai da paternidade
A1 (4)	Foi um pouco estranha né, no começo. (Relação pai – filho)	Começando uma relação pai-filho
A1 (5)	Aí depois foi que foi entrando no clima, entre os dois e agora está tudo bom. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho boa
A1 (6)	Eu não tinha contato com ele (pai) não.	Ausência de contato com o pai antes da confirmação
A1 (7)	Fui eu que procurei e aí depois ele (pai) quis prosseguir.	Iniciativa do adolescente em saber quem é o pai biológico
A1 (8)	Ele (pai) fica sempre aqui, ele sempre vem me visitar ou liga.	Relação pai-filho boa
A1 (9)	Mudou o clima entre a gente. Ele me chama para sair. Mudou muitas coisas. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho boa
A1 (10)	Antes eu não tinha contato não. (com o pai)	Ausência de contato com o pai antes da confirmação
A1 (11)	Tinha vergonha, ele (pai) não falava e eu também não falava. (Relação pai – filho)	Ausência de contato com o pai antes da confirmação
A1 (12)	Na minha casa não mudou nada.	Sem mudanças em casa após a confirmação da paternidade

A1 (13)	Só com ele (pai) mesmo em relação a ele. (Relação pai – filho)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A1 (14)	Só vejo quando ele (pai) vem deixar dinheiro para mim ou algum presente que ele aparece na semana	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A1 (15)	Dinheiro é difícil, mas presente ele (pai) me dá.	Relação pai-filho boa
A1 (16)	Porque eu queria crescer sabendo quem era o meu pai realmente.	Saber quem é o pai biológico
A1 (17)	Mas eu queria saber o (pai) biológico.	Saber quem é o pai biológico
A1 (18)	A importância que eu queria crescer já sabendo quem é o meu pai.	Saber quem é o pai biológico
A1 (19)	Ah, eu me senti mais confortável mesmo, depois já há um amor entre a pessoa. (Relação pai – filha)	Relação pai-filho boa
A1 (20)	Não, não vou querer (colocar o nome do pai), porque deixa assim mesmo os meus avós mesmo.	Não colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A1 (21)	Isso aí eu não quero trocar não, deixa no que está. (nome dos avós na certidão de nascimento)	Não colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A1 (22)	Não, importante é, mas a minha opinião é, não quero trocar não, vai ficar no que está mesmo. (Não inclusão do nome do pai na certidão de nascimento)	Não colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A2 (23)	Eu fiquei feliz de saber que era filho de tal... Por que... Eu fiquei feliz.	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A2 (24)	Eu já sabia. (da paternidade)	Certeza da paternidade

A2 (25)	Ele (pai) duvidava que eu fosse realmente filho dele e quando veio o resultado fiquei feliz.	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A2 (26)	É porque estava em processo de justiça e ele (pai) renegou, colocando que eu não era filho dele.	Negação da paternidade pelo pai
A2 (27)	Então a felicidade foi só para poder falar para ele (pai) que eu sou seu filho.	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A2 (28)	A minha mãe não mentiu e eu não estou mentindo. Eu sou seu filho.	Certeza da paternidade
A2 (29)	Foi ele (pai) que pediu para fazer o teste de DNA, pois ele sentiu dúvida que eu era realmente filho dele.	Dúvida por parte do pai da paternidade
A2 (30)	Assim, no meu caso continuou do mesmo jeito. Ele (pai) só tendo a confirmação, mas não fui procurado mais, a mãe tá de prova.	Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A2 (31)	Não fui procurado mais, está mais ou menos com quase dois anos que eu fiz o teste.	Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A2 (32)	Pelo o que eu me lembro, ele (pai) nunca me procurou mais, foi só mesmo para servir de documento.	Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A2 (33)	Influenciou assim... Para ele (pai), realmente ter a confirmação que eu era filho dele.	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A2 (34)	A minha vida continua normal, minha vida continua... Eu continuo feliz do jeito que é com a minha mãe.	Nada mudou após a confirmação da paternidade
A2 (35)	Porque o pai não é o que faz, é o que cria.	Ausência de contato com o pai

A2 (36)	Eu não tive nenhuma influência dele (pai).	Ausência de contato com o pai
A2 (37)	Eu não quero o sobrenome dele (pai) no meu registro.	Colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A2 (38)	Quando eu completar os meus 18 e vou entrar com um processo para poder retirar o sobrenome dele (pai).	Retirar o sobrenome do pai biológico
A2 (39)	No começo a gente não queria nada, só queria o nome dele (pai) para constar na certidão.	Colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A2 (40)	Eu só queria o nome dele e ele negou, disse que não era o meu pai.	Negação da paternidade pelo pai
A2 (41)	Ele ficou dizendo que não era o meu pai, até a juíza pedir o exame de DNA.	Negação da paternidade pelo pai
A2 (42)	Foi quando veio à confirmação que era filho dele pelo exame de DNA.	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A2 (43)	Ele (pai) nunca ligou para mim, ele nunca teve contato comigo e eu sempre que tinha que entrar em contato com ele.	Relação pai-filho ruim
A2 (44)	Teve um chá de fralda da minha prima e ele (pai) não veio, ele não veio.	Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A2 (45)	Ele (pai) nunca me procura, sou sempre eu que tenho que tenho que procurá-lo.	Relação pai-filho ruim
A2 (46)	Até o ano passado eu ligava para ele (pai) para saber como ele estava e ele nunca me atendia ou quando me atendia ele estava na igreja e não podia falar.	Relação pai-filho ruim

A2 (47)	Aí eu parei de procurá-lo (pai).	Relação pai-filho ruim
A2 (48)	Por que ligar para uma pessoa (pai) e a pessoa não poder atender.	Relação pai-filho ruim
A2 (49)	Aí eu parei de me importar tanto de ficar ligando para ele (pai).	Relação pai-filho ruim
A3 (50)	Eu senti uma alegria por saber que ele é meu pai. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A3 (51)	Essa alegria dele (pai) fazer parte da minha vida de agora em diante. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A3 (52)	Que ele (pai) possa conviver comigo. (Da confirmação da paternidade)	Expectativa de uma possível convivência
A3 (53)	Sim, por telefone e às vezes pessoalmente. (Relação pai – filho)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A3 (54)	Não sei explicar... É uma sensação de positividade. Acho que é isso. (Após a confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A3 (55)	Está normal. Está tudo conforme o dia-a-dia passa. (A vida após a confirmação da paternidade)	Sem mudança em casa após a confirmação da paternidade
A3 (56)	Foi a minha mãe que procurou. Foi ela que procurou. (Sobre a iniciativa de fazer o teste de paternidade)	Iniciativa de fazer o teste de paternidade
A3 (57)	Só que eu não tinha dúvida dele ser o meu pai não.	Certeza da paternidade
A3 (58)	Porque eu me pareço um pouco com ele (pai). Algumas aparências.	Parecer-se com o pai
A3 (59)	Sentimento de expressar alegria que eu estou sentindo por ele ser o meu pai e ao mesmo tempo certa felicidade. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade

A3 (60)	Mais nos olhos assim... Aspecto dos olhos. (De se parecer com o pai)	Parecer-se com o pai
A3 (61)	Porque ele é o meu pai e ele veio para me registrar... Por isso que eu quis. (Mudança do nome na Certidão de Nascimento)	Colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A3 (62)	Para ele saber que eu sou o filho dele de verdade e para eu saber que sou filho dele de verdade. (Mudança do nome na Certidão de Nascimento)	Colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A4 (63)	Senti nada não, já sabia que ele era o meu pai. (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade
A4 (64)	Eu nunca tive dúvida. A gente morava junto e ele (pai) sempre foi bom comigo. (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade
A4 (65)	Não, soube o motivo. Não me lembro. (Por fazer o teste de paternidade)	Desconhecimento da motivação para a realização do teste de paternidade
A4 (66)	Não mudou nada. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho boa
A4 (67)	Vejo... De vez em quando. (pai)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A4 (68)	Às vezes ele vem aqui. Qualquer dia ele vem aqui. E às vezes quando eu vou para lá. (Relação pai – filho)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A4 (69)	Na época do teste de paternidade a gente já não morava na mesma casa.	Não morava com o pai na época do teste de paternidade
A4 (70)	Eu, o meu pai e a minha mãe, já moramos juntos, aí quando os dois se separaram, ele foi para a casa da mãe dele e eu e a minha mãe, a gente veio para cá.	Filho já morou com o pai antes do teste de paternidade

A4 (71)	Só sei que foi pedido de fazer o teste de paternidade por causa da pensão, pelo o que eu acho.	Teste de paternidade por causa da pensão alimentícia
A4 (72)	Foi o meu pai que veio... Que procurou para fazer o teste. (Teste de Paternidade)	Iniciativa de fazer o teste de paternidade
A4 (73)	Se precisar pedir alguma coisa para ele (pai), ele sempre tenta me dar.	Ajuda material do pai
A4 (74)	É todo mês ele paga certo. (A pensão alimentícia)	Ajuda material do pai
A4 (75)	Quando ele (pai) vem aqui, a gente fica aqui na área conversando.	Relação pai-filho boa
A4 (76)	Ele (pai) me falou pela rede social, me desejando feliz aniversário, ele me parabenizou.	Relação pai-filho boa
A4 (77)	Continua do mesmo jeito. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho boa
A5 (78)	Eu fiquei feliz né... Por saber. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A5 (79)	Foi felicidade, mas eu já sabia que ele era meu pai, só queria ter a certeza né.	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A5 (80)	O exame foi só para ter a certeza, foi só a felicidade de saber que ele era meu pai.	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A5 (81)	Por que eu sempre convivi com ele (pai), assim, não minha vida toda. (Relação pai – filha)	Certeza da paternidade
A5 (82)	Ele não foi pai presente, mas ele em alguns momentos ele estava ali... (Relação pai – filha)	Relação pai-filho distante

A5 (83)	Ele (pai) sempre disse que era... A mãe sempre dizia que ele era o meu pai.	Certeza da paternidade
A5 (84)	Às vezes eu ia lá a casa dele, às vezes ele vinha aqui, mas a gente nunca morou junto não.	Não morava com o pai na época do teste de paternidade
A5 (85)	Eu fiquei feliz né... Por que... Ele (pai) também ficou feliz de saber, de ter a certeza mesmo que ele era o meu pai. (Após a confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A5 (86)	Foi a minha mãe. (Sobre a iniciativa de fazer o teste de paternidade)	Iniciativa de fazer o teste de paternidade
A5 (87)	Porque ele (pai) dizia que eu não era filha dele. (Motivo do teste de paternidade)	Negação da paternidade pelo pai
A5 (88)	Ele (pai) dizia que eu não era filha dele, era só o meu irmão que era filho dele.	Negação da paternidade pelo pai
A5 (89)	A gente sempre conviveu junto, mas ele (pai) dizia que eu não era filha dele.	Negação da paternidade pelo pai
A5 (90)	Foi estranha no começo. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Começando uma relação pai-filho
A5 (91)	Mas aí depois voltou tudo ao normal. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Relação pai-filho distante
A5 (92)	Ele (pai) só fica lá na casa dele e eu fico aqui. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Relação pai-filho distante
A5 (93)	Às vezes eu vou lá, às vezes ele (pai) vem aqui. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Relação pai-filho distante

A5 (94)	E agora ele (pai) liga para mim para saber como é que eu estou. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A5 (95)	Antes ele (pai) não ligava pra mim, não queria nem saber de mim. (Relação pai – filha)	Negação da paternidade pelo pai
A5 (96)	Mas agora ele (pai) liga para mim, para saber como é que eu estou, pede para eu ir lá ver ele. (Após a confirmação da paternidade)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A5 (97)	Que ele (pai) sente alguma coisa por mim, que eu sou importante para ele. (Relação pai – filha)	Relação pai-filho boa
A5 (98)	Às vezes quando eu peço, ele (pai) dá. (ajuda material)	Ajuda material do pai
A5 (99)	Agora ele (pai) não está trabalhando, aí ele ainda arranja um jeito de dar, mas antes ele não dava muito não. (ajuda material)	Ajuda material do pai
A5 (100)	É porque ele (pai) dizia que eu não era filha dele, porque eu não sou da cor dele, só o meu irmão, que meu irmão é branco e eu não sou branca.	Negação da paternidade pelo pai por causa da cor da pele
A5 (101)	Sou da cor da minha mãe, aí é por isso que ele (pai) dizia que eu não era filha dele, que eu não parecia com ele.	Negação da paternidade pelo pai por causa da cor da pele
A5 (102)	Eu sempre me achei parecida com ele (pai).	Parecer-se com o pai
A5 (103)	Só que ele (pai) dizia que eu não parecia nada (com ele).	Negação da paternidade pelo pai

A5 (104)	Ah era muito chato, que ele (pai) ficava dizendo isso direto, que eu não era filha dele, porque eu nem parecia com ele, dava muita raiva.	Raiva da negação da paternidade pelo pai por causa da cor da pele
A5 (105)	Mudou. Agora ele (pai) vive dizendo que eu sou filha dele, que eu pareço com ele, que eu sou a cara dele. (Após a confirmação da paternidade)	Relação pai-filho boa
A5 (106)	Aí vive mostrando a minha foto para todo mundo, que eu pareço com as irmãs dele, aí agora ele está melhor. (Após a confirmação da paternidade)	Relação pai-filho boa
A5 (107)	Mudou tudo né... Que agora eu estou bem com ele (pai).	Relação pai-filho boa
A5 (108)	Que a gente está bem, feliz, que a gente se vê, a gente se fala... A gente conversa. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A5 (109)	Foi que ele (pai) mudou, ele ficou de bem pro meu lado, por que ele dizia que não precisava fazer o exame. (de paternidade)	Relação pai-filho boa
A5 (110)	Por que precisou de um teste para (o pai) ter a certeza, para mudar tudo isso. Para ele (pai) se aproximar mais de mim...	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A5 (111)	Por causa disso, para ele (pai) se aproximar de mim... Precisou de um teste para confirmar tudo isso.	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A6 (112)	Eu me senti meio normal, já sabia que ele era o meu pai e tal. (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade

A6 (113)	Normal de estar ciente do que ele já é tal. Que ele é o meu pai. (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade
A6 (114)	Quando eu era pequeno ele (pai) vinha me visitar, não muito, mas ele vinha.	Relação pai-filho distante
A6 (115)	Aí a mãe me falava que ele era o meu pai, eu já sabia, eu já estava ciente.	Certeza da paternidade
A6 (116)	Ele (pai) não teve uma presença na minha vida, mas a gente convivia.	Relação pai-filho distante
A6 (117)	Às vezes eu e minha mãe a gente ia lá a casa dele (pai) visitá-lo.	Relação pai-filho distante
A6 (118)	Minha mãe pediu por que ele (pai) estava falando que a gente não era filho dele. (Sobre a iniciativa de fazer o teste de paternidade)	Iniciativa de fazer o teste de paternidade
A6 (119)	Eu me senti aliviado de saber, porque ele (pai) começou a falar que a gente não era filho dele.	Aliviado com a confirmação da paternidade
A6 (120)	Eu fiquei pensando assim né... O que ele é então se ele não é o meu pai?	Incerteza antes da confirmação da paternidade
A6 (121)	Eu fiquei aliviado de saber que ele é realmente o meu pai.	Aliviado com a confirmação da paternidade
A6 (122)	Eu me senti tipo como se acreditasse que agora ele sim, é a confirmação de que ele é realmente o meu pai.	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A6 (123)	Porque a gente começa a se ver, eu passo lá na casa dele (pai).	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A6 (124)	Mudou, mudou que agora ele (pai) fala mais comigo, conversa comigo, que saber como eu estou.	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade

A6 (125)	Antes ele (pai) mal falava comigo, só às vezes, só perguntava se eu estava bem.	Relação pai-filho distante
A6 (126)	Ele (pai) dá um suporte financeiro que eu estou fazendo um curso agora, aí ele me dá um suporte para eu fazer o curso, ele está ajudando.	Ajuda material do pai
A7 (127)	Eu meio que já sabia que ele já era o meu pai sabe. (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade
A7 (128)	Ele (pai) não queria assumir basicamente, teve um ponto que ele não queria assumir, só que aí veio o teste de DNA e confirmou.	Negação da paternidade pelo pai
A7 (129)	Não foi como é que eu posso dizer... Um choque para mim, como é para algumas pessoas em alguns casos. (Da confirmação da paternidade)	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A7 (130)	Ele (pai) conviveu comigo assim por um tempo quando eu era criança.	Relação pai-filho distante
A7 (131)	Ele (pai) vinha em datas especiais, sabe no meu aniversário.	Relação pai-filho distante
A7 (132)	Se eu estou bem lembrado foi a minha mãe. (Sobre a iniciativa de fazer o teste de paternidade)	Iniciativa de fazer o teste de paternidade
A7 (133)	Ele (pai) vinha aqui me visitar sabe em algumas ocasiões.	Relação pai-filho distante
A7 (134)	Aí teve o problema daquele negócio que ele (pai) paga uma pensão e desde lá deixou de pagar.	Teste de paternidade por causa da pensão alimentícia
A7 (135)	Eu já sabia que ele era o meu pai, só restava confirmar.	Certeza da paternidade

A7 (136)	Não vou muito lá (na casa do pai), ele (pai) também não vem muito aqui, acho que não faz muita diferença.	Relação pai-filho distante
A7 (137)	Não, sinceramente continua a mesma. (A vida após a confirmação da paternidade)	Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A7 (138)	Foi mais por causa da questão material. (Por fazer o teste de paternidade)	Teste de paternidade por causa da pensão alimentícia
A7 (139)	A ajuda que é para ele (pai) dar, ele está ignorando. (A pensão alimentícia)	Atraso no pagamento da pensão alimentícia
A7 (140)	A última vez que eu o vi ele (pai) foi justamente no laboratório para fazer o teste. (Teste de Paternidade)	Ausência de contato com o pai
A7 (141)	Aquilo ali era para confirmar se eu realmente era o filho dele (pai). (Teste de Paternidade)	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A7 (142)	Eu tive medo que ele (pai) tivesse tipo, rancor daquilo. (Teste de Paternidade)	Incerteza antes da confirmação da paternidade
A7 (143)	Foi meio estranho assim encontrar ele (pai), tanto pelo tempo que eu passei longe dele. (Teste de Paternidade)	Relação pai-filho distante
A7 (144)	Antes daquela época (do teste de paternidade) ele (pai) já não pagava muito a pensão alimentícia.	Atraso no pagamento da pensão alimentícia
A7 (145)	A gente (pai e filho) conversou e foi uma conversa amigável. (Teste de Paternidade)	Relação pai-filho boa
A7 (146)	Ele (pai) continua tendo um rancor básico.	Rancor do pai pelo teste de paternidade
A7 (147)	Se ele (pai) não tivesse rancor, ele pagava a pensão em dia.	Atraso no pagamento da pensão alimentícia

A7 (148)	Ele (pai) sabe que eu sou o filho dele, mas ele deixa isso de lado. (A pensão alimentícia)	Atraso no pagamento da pensão alimentícia
A7 (149)	Ele (pai) deixa isso como uma coisa secundária. (A pensão alimentícia)	Atraso no pagamento da pensão alimentícia
A7 (150)	Eu já vou sendo bem direto aqui, que é falta de consideração. (Não pagamento da pensão alimentícia)	Atraso no pagamento da pensão alimentícia
A7 (151)	Eu fico com muita raiva. (Não pagamento da pensão alimentícia)	Atraso no pagamento da pensão alimentícia
A7 (152)	Eu acho que ele (pai) sabe que a gente tem necessidade desse dinheiro e mesmo assim ele evita dar. (A pensão alimentícia)	Atraso no pagamento da pensão alimentícia
A7 (153)	Mas ele ainda é o meu pai.	Certeza da paternidade
A7 (154)	Eu já tentei ir a casa dele (pai).	O filho é que visita o pai
A7 (155)	Depois daquele teste (teste de paternidade), assim tentar falar com ele (pai), só no dia dos pais mesmo.	Ausência de contato com o pai
A7 (156)	Eu nunca mais o vi (pai), realmente.	Ausência de contato com o pai
A8 (157)	É que era o meu pai né... Só que eu já sabia que ele era o meu pai. (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade
A8 (158)	Eu queria só que ele soubesse que... Que era filho dele mesmo... Gostei. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A8 (159)	Gostei... Porque eu passei minha infância com ele. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A8 (160)	Aí ele (pai) fazer um negócio desses. (Sobre a iniciativa de fazer o teste de paternidade) Mas... Ficou tudo bem depois.	Dúvida por parte do pai da paternidade

A8 (161)	Já fazia um tempinho que a gente estava sem se falar e sem se ver. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho distante
A8 (162)	Deve ter sido raiva né, uma coisa assim... Uma raiva da minha mãe. (Motivo do teste de paternidade)	Teste de paternidade por causa da pensão alimentícia
A8 (163)	Eu fiquei meio rebelde, assim né, mas depois, fiquei normal, falei com ele (pai). (Por fazer o teste de paternidade)	Dúvida por parte do pai da paternidade
A8 (164)	Nós saíamos para o clube, tomar banho de piscina. Era bom. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho boa
A8 (165)	Ele (pai) negou a benção quando eu fui falar com ele, ficou meio assim, mas eu acho que era só orgulho. (No dia da coleta do teste de paternidade)	Rancor do pai pelo teste de paternidade
A8 (166)	Ele (pai) me chama para ir lá nele, no trabalho dele. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho boa
A8 (167)	Ele (pai) fala comigo normal. Está melhor que antes. (Relação pai – filho após a confirmação da paternidade)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A8 (168)	Está como se não tivesse acontecido esse negócio, esse caso aí. (A vida após a confirmação da paternidade)	Relação pai-filho boa
A9 (169)	Senti normal... Feliz... Por causa, que eu já sabia que ele era (meu pai). (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade
A9 (170)	Por que eu ia saber que eu tinha um pai. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A9 (171)	Nós não temos muita intimidade. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho distante
A9 (172)	Por que nós não nos falamos muito. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho distante

A9 (173)	Antigamente eu não tinha muita certeza. (Após a confirmação da paternidade)	Incerteza antes da confirmação da paternidade
A9 (174)	Eu ficava só, a minha mãe ela é mãe e pai para mim.	Ausência de contato com o pai
A9 (175)	Quando eu queria conversar eu não tinha ninguém.	Ninguém para conversar
A9 (176)	Está quase sem diferença nenhuma, por que eu não falo com ele (pai).	Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A9 (177)	Eu só fiquei feliz porque eu tive a certeza. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A10 (178)	Eu senti um pouco de medo. (Da confirmação da paternidade)	Incerteza antes da confirmação da paternidade
A10 (179)	Eu fiquei surpresa. (Da confirmação da paternidade)	Saber quem é o pai biológico
A10 (180)	Eu achava que não ia dar certo. (Teste de paternidade)	Incerteza antes da confirmação da paternidade
A10 (181)	Eu achava que ele não ia ser meu pai. (Teste de paternidade)	Incerteza antes da confirmação da paternidade
A10 (182)	Eu ia me sentir insegura perto dele (pai). (Da confirmação da paternidade)	Insegura perto do pai
A10 (183)	Medo de realmente de ficar perto dele (pai). (Da confirmação da paternidade)	Medo de ficar perto do pai
A10 (184)	Mas a convivência foi bem diferente. (Da confirmação da paternidade)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A10 (185)	Eu me senti bem à vontade. (Da confirmação da paternidade)	Relação pai-filho boa
A10 (186)	Nunca o vi (pai), nunca. (No dia da coleta do teste de paternidade)	Ausência de contato com o pai

A10 (187)	Nossa parece tanto comigo! (De se parecer com o pai)	Parecer-se com o pai
A10 (188)	O jeito que ele (pai) fala parece bastante comigo. (De se parecer com o pai)	Parecer-se com o pai
A10 (189)	Aquilo me assustou porque eu nunca tinha visto uma pessoa (pai) assim. (De se parecer com o pai)	Parecer-se com o pai
A10 (190)	É uma família (do pai) enoorme e conhecer todo mundo assim de cara, foi bem... Impactante. (A vida após a confirmação da paternidade)	Conhecer a família do pai foi impactante
A10 (191)	A gente se fala, não frequentemente, porque é difícil eu ver ele (pai). (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Pouca convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A10 (192)	A família dele (pai), as minhas tias, é bem legal, as minhas primas, principalmente. (A vida após a confirmação da paternidade)	Boa convivência com a família do pai após a confirmação da paternidade
A10 (193)	Ele (pai) me dá a pensão, agora de resto não. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Pensão alimentícia em dia
A10 (194)	Quando eu o vi, nossa é ele (pai)! (De se parecer com o pai)	Parecer-se com o pai
A10 (195)	Eu fiquei com medo de dar errado, de algum processo lá no laboratório. (Teste de paternidade)	Incerteza antes da confirmação da paternidade
A10 (196)	Foi a minha mãe. (Sobre a iniciativa de fazer o teste de paternidade)	Iniciativa de fazer o teste de paternidade
A10 (197)	Aí eu o conheci (pai) e ele me chamou para viajar. (Após a confirmação da paternidade)	Convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A10 (198)	Foi só naquele dia que eu quis saber quem era ele (pai). (No dia da coleta do teste de paternidade)	Saber quem é o pai biológico

A10 (199)	Durante toda vida eu não me importei quem ele (pai) fosse.	Não importava conhecer o pai
A10 (200)	Eu nunca precisei dele (pai), eu sempre tive o meu avô, a minha mãe, a minha avó.	Não importava conhecer o pai
A10 (201)	Eu não tenho muito contato com ele, então quase não fez diferença. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A10 (202)	Mas eu nunca senti falta dele e nem do carinho dele (pai).	Não importava conhecer o pai
A10 (203)	Nele (pai) não tem o, o... O afeeeeeto, mas no resto da família dele eu consigo encontrar. (A vida após a confirmação da paternidade)	Encontrei afeto na família do pai
A11 (204)	Não sei é difícil de falar. (Da confirmação da paternidade)	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A11 (205)	Fiquei bastante surpreso e de certa forma feliz por ter a verdade. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade
A11 (206)	Ter a certeza que não estava mais vivendo uma mentira. (Da confirmação da paternidade)	Saber quem é o pai biológico
A11 (207)	Conhecer eu conhecia, eu tinha uma relação com ele (pai). (Relação pai – filho)	Certeza da paternidade
A11 (208)	Ele (pai) não era muito presente na minha vida, mas eu tinha um contato com ele. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho distante
A11 (209)	Ele tinha me confirmado que era meu pai. (Teste de paternidade)	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A11 (210)	Eu fiquei de certa forma, entusiasmado, por saber que era verdade. (Da confirmação da paternidade)	Felicidade com o reconhecimento da paternidade

A11 (211)	Normal, não mudou nada em minha vida. (Relação pai – filho)	Nada mudou após a confirmação da paternidade
A11 (212)	Eu só sinto que ele (pai) é um pouco ausente na minha vida. (Relação pai – filho)	Pouca convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A11 (213)	Eu tenho que ir até onde ele trabalha para falar com ele (pai). (Relação pai – filho)	Pouca convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A11 (214)	Eu tenho agora a certeza dentro de mim de quem é o meu pai. (A vida após a confirmação da paternidade)	Confirmação que era filho pelo teste de paternidade
A11 (215)	Eu vou lá ver como é que ele (pai) está. (Relação pai – filho)	O filho é que visita o pai
A11 (216)	Eu acho que para ele, eu não existo. (Relação pai – filho)	Relação pai-filho ruim
A11 (217)	A pessoa que estava comigo desde a hora que eu nasci e está até hoje é a minha mãe.	Só existiu para o filho a figura materna
A11 (218)	Eu chorei muito quando eu era criança, pelas festas de dia dos pais não ter um pai.	Sofrimento pela ausência do pai
A11 (219)	Eu tenho minha mãe, que assumiu os dois papéis (mãe e pai) durante os dezesseis anos da minha vida.	Só existiu para o filho a figura materna
A11 (220)	Pensão ele não paga, ele só me dá, às vezes, cem reais.	Ajuda material do pai
A11 (221)	Pelo fato dele (padrasto à época) ter sido homem de ter me assumido, mesmo não sendo filho dele. Eu nunca vou tirar esse nome do meu nome. (Nome na Certidão de Nascimento)	Não colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento
A12 (222)	Eu me senti um pouco constrangida, porque foi tanta falta de respeito com a minha mãe e comigo. (Da confirmação da paternidade)	Negação da paternidade pelo pai

A12 (223)	Sim eu já sabia (da paternidade) por que eu confio na minha mãe. (Da confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade biológica por confiar na mãe
A12 (224)	Eu ia para a casa dele de vez em quando. (Relação pai – filha)	Relação pai-filho distante
A12 (225)	Foi a minha avó por parte de pai. (Sobre a iniciativa de fazer o teste de paternidade)	Iniciativa de fazer o teste de paternidade
A12 (226)	Normal. (A vida após a confirmação da paternidade)	Nada mudou após a confirmação da paternidade
A12 (227)	Eu só sei que confio na minha mãe e eu sei que ele é o meu pai. (A vida após a confirmação da paternidade)	Certeza da paternidade biológica por confiar na mãe
A12 (228)	Muito pouco. É... Às vezes em, em aniversário que tem lá (na casa do pai). Em alguns finais de semana, no dia das crianças. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Pouca convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A12 (229)	Em alguns finais de semana, no dia das crianças. (Relação pai – filha após a confirmação da paternidade)	Pouca convivência com o pai após a confirmação da paternidade
A12 (230)	Ele (pai) não dá. (A pensão alimentícia)	Não pagamento da pensão alimentícia
A12 (231)	Como se a minha mãe fosse uma qualquer, e minha mãe não é. (Teste de paternidade)	Certeza da paternidade biológica por confiar na mãe
A12 (232)	Eu fiquei muito chateada com ele, porque tanto ele sabia que ele era o meu pai quanto eu sabia e minha mãe também. (No dia da coleta do teste de paternidade)	Negação da paternidade pelo pai
A12 (233)	Então eu acho que ele (pai) não teria nenhum direito de fazer esse exame. (Teste de paternidade)	Negação da paternidade pelo pai

APÊNDICE G – Unidades de Significado e Recortes Correspondentes

UNIDADES DE SIGNIFICADO	RECORTES CORRESPONDENTES
I - Certeza da paternidade	A1(1); A2(24); A2(28); A3(57); A4(63); A4(64); A5(81); A5(83); A6(112); A6(113); A6(115); A7(127); A7(135); A7(153); A8(157); A9(169); A11(207).
II - Dúvida por parte do pai da paternidade	A1(2); A1(3); A2(29); A8(160); A8(163).
III - Começando uma relação pai-filho	A1(4); A5(90).
IV - Relação pai-filho boa	A1(5); A1(8); A1(9); A1(15); A1(19); A4(66); A4(75); A4(76); A4(77); A5(97); A5(105); A5(106); A5(107); A5(109); A7(145); A8(164); A8(166); A8(168); A10(185).
V - Ausência de contato com o pai antes da confirmação	A1(6); A1(10); A1(11).
VI - Iniciativa do adolescente em saber quem é o pai biológico	A1(7).
VII - Sem mudança em casa após a confirmação da paternidade	A3(55).
VIII - Convivência com o pai após a confirmação da paternidade	A1(13); A1(14); A3(53); A4(67); A4(68); A5(94); A5(96); A5(110); A5(111); A6(123); A6(124); A8(167); A10(184); A10(197).
IX - Não colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento	A1(20); A1(21); A1(22); A11(221).
X - Felicidade com o reconhecimento da paternidade	A2(23); A2(25); A2(27); A3(50); A3(51); A3(54); A3(59); A5(78); A5(79); A5(80); A5(85); A5(108); A8(158); A8(159); A9(170); A9(177); A11(205); A11(210).
XI - Negação da paternidade pelo pai	A2(26); A2(40); A2(41); A5(87); A5(88); A5(89); A5(95); A5(103); A7(128); A12(222); A12(232); A12(233).

XII - Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade	A2(30); A2(31); A2(32); A2(44); A7(137); A9(176); A10(201).
XIII - Confirmação que era filho pelo teste de paternidade	A2(33); A2(42); A6(122); A7(129); A7(141); A11(204); A11(209); A11(214).
XIV - Colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento	A2(37); A2(39); A3(61); A3(62).
XV - Retirar o sobrenome do pai biológico	A2(38).
XVI - Relação pai-filho ruim	A2(43); A2(45); A2(46); A2(47); A2(48); A2(49); A11(216).
XVII - Iniciativa de fazer o teste de paternidade	A3(56); A4(72); A5(86); A6(118); A7(132); A10(196); A12(225).
XVIII - Parecer-se com o pai	A3(58); A3(60); A5(102); A10(187); A10(188); A10(189); A10(194).
XIX - Não morava com o pai na época do teste de paternidade	A4(69); A5(84).
XX - Relação pai-filho distante	A5(82); A5(91); A5(92); A5(93); A6(114); A6(116); A6(117); A6(125); A7(130); A7(131); A7(133); A7(136); A7(143); A8(161); A9(171); A9(172); A11(208); A12(224).
XXI - Ausência de contato com o pai	A2(35); A2(36); A7(140); A7(155); A7(156); A9(174); A10(186).
XXII - Filho já morou com o pai antes do teste de paternidade	A4(70).
XXIII - Teste de paternidade por causa da pensão alimentícia	A4(71); A7(134); A7(138); A8(162).
XXIV - Ajuda material do pai	A4(73); A4(74); A5(98); A5(99); A6(126); A11(220).
XXV - Pensão alimentícia em dia	A10(193).
XXVI - Negação da paternidade pelo pai por causa da cor da pele	A5(100); A5(101).

XXVII - Raiva da negação da paternidade pelo pai por causa da cor da pele	A5(104).
XXVIII - Aliviado com a confirmação da paternidade	A6(119); A6(121).
XXIX - Incerteza antes da confirmação da paternidade	A6(120); A7(142); A9(173); A10(178); A10(180); A10(181); A10(195).
XXX – Atraso no pagamento da pensão alimentícia	A7(139); A7(144); A7(147); A7(148); A7(149); A7(150); A7(151); A7(152).
XXXI - Rancor do pai pelo teste de paternidade	A7(146); A8(165).
XXXII - Pouca convivência com o pai após a confirmação da paternidade	A10(191); A11(212); A11(213); A12(228); A12(229).
XXXIII - Ninguém para conversar	A9(175).
XXXIV - Insegura perto do pai	A10(182).
XXXV - Medo de ficar perto do pai	A10(183).
XXXVI - Conhecer a família do pai foi impactante	A10(190).
XXXVII - Boa convivência com a família do pai após a confirmação da paternidade	A10(192).
XXXVIII - Não importava conhecer o pai	A10(199); A10(200); A10(202).
XXXIX - Encontrei afeto na família do pai	A10(203).
XL - Nada mudou após a confirmação da paternidade	A2(34); A11(211); A12(226).
XLI - O filho é que visita o pai	A7(154); A11(215).
XLII - Só existiu para o filho a figura materna	A11(217); A11(219).

XLIII - Sofrimento pela ausência do pai	A11(218).
XLIV - Não pagamento da pensão alimentícia	A12(230).
XLV - Saber quem é o pai biológico	A1(16); A1(17); A1(18); A10(179); A10(198); A11(206).
XLVI - Expectativa de uma possível convivência	A3(52).
XLVII - Desconhecimento da motivação para a realização do teste de paternidade	A4(65).
XLVIII - Certeza da paternidade biológica por confiar na mãe	A12(223); A12(227); A12(231).

Fonte: Elaborado pelo autor.

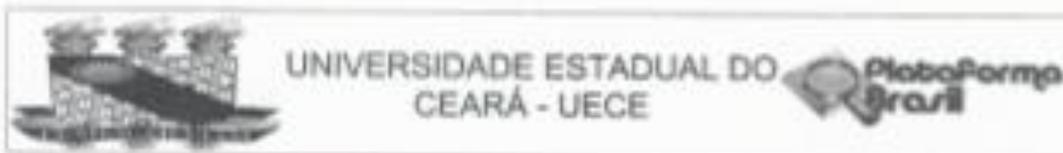
## APÊNDICE H – Unidades de Significado, Reduções e Categorias Analíticas

UNIDADES DE SIGNIFICADO	REDUÇÃO I	REDUÇÃO II	CATEGORIAS ANALÍTICAS
1 – Certeza da paternidade XLVIII – Certeza da paternidade biológica por confiar na mãe	Certeza da paternidade	Sentimentos relacionados com a confirmação da paternidade	Sentimentos e mudanças resultantes da confirmação da paternidade
II – Dúvida por parte do pai da paternidade XI – Negação da paternidade pelo pai XXVI – Negação da paternidade pelo pai por causa da cor da pele XXVII – Raiva da negação da paternidade pelo pai por causa da cor da pele	Sentimentos relacionados com a averiguação da paternidade		
X – Felicidade com o reconhecimento da paternidade XII – Confirmação que era filho pelo teste de paternidade XVIII – Parecer-se com o pai XXVIII – Aliviado com a confirmação da paternidade XXIX – Incerteza antes da confirmação da paternidade	Sentimentos relacionados com a confirmação da paternidade		
VII – Sem mudança em casa após a confirmação da paternidade XL – Nada mudou após a confirmação da paternidade	Sem mudança em casa após o teste	Mudanças na vida pessoal após a confirmação da paternidade	
IX – Não colocar o nome do pai biológico na certidão de nascimento XIV – Colocar o nome do pai na certidão de nascimento XV – Retirar o sobrenome do pai biológico	Modificação na certidão de nascimento		
XXIII – Teste de paternidade por causa da pensão alimentícia XXIV – Ajuda material do pai XXV – Pensão alimentícia em dia XXX – Atraso no pagamento da pensão alimentícia XLIV – Não pagamento da pensão alimentícia	Ajuda material por parte do pai		
XXXVI – Conhecer a família do pai foi impactante XXXVII – Boa convivência com a família do pai após a confirmação da paternidade XXXIX – Encontrei afeto na família do pai	Família paterna		
VI – Iniciativa do adolescente em saber quem é o pai biológico XVII – Iniciativa de fazer o teste de paternidade XLV – Saber quem é o pai biológico	Iniciativa pelo teste de paternidade	Realização do teste de paternidade	
XLVII – Desconhecimento da motivação para a realização do teste de paternidade	Desconhecimento da motivação para realização do teste		
XXXI – Rancor do pai pelo teste de paternidade	Rancor paterno pela realização do teste		
XXXIV – Insegura perto do pai XXXV – Medo de ficar PERTO DO PAI XXXVIII – Não importava conhecer o pai	Sentimentos relacionados à ausência de afeto pela figura paterna	Relacionamento entre pai-filho	Relacionamento entre pai-filho
III – Começando uma relação pai-filho IV – Relação pai-filho boa XVI – Relação pai-filho ruim XX – Relação pai-filho distante	Relacionamento entre pai e filho		
VIII – convivência com o pai após a confirmação da paternidade XII – Sem convivência com o pai após a confirmação da paternidade XXXII – Pouco convivência com o pai após a confirmação da paternidade XLI – O filho é que visita o pai XLVI – Expectativa de uma possível convivência com o pai	Convivência com o pai		
XIX – Não morava com o pai na época do teste de paternidade XXII – Filho já morou com o pai antes do teste de paternidade	Convívio prévio com o pai		
V – Ausência de contato com o pai antes da confirmação XXI – Ausência de contato com o pai XXXIII – Ninguém para conversar XLIII – Sofrimento pela ausência do pai	Ausência de contato com o pai		

Fonte: Elaborado pelo autor.

**ANEXO**

## ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A CONFIRMAÇÃO DA PATERNIDADE E SUA REPERCUSSÃO NA VIDA DO ADOLESCENTE

**Pesquisador:** CARLOS JOSE MATOS FRANCO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 09029717.6.0000.5534

**Instituição Proponente:** Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.195.426

#### Apresentação do Projeto:

Não há dúvida de que o teste de paternidade resoca nas atitudes dos sujeitos investigados, provocando rearranjos na sua constelação de afetos, mais do que resolver disputes, moldar subjetividades. As repercussões de conhecer o pai biológico para adolescentes por meio do teste de paternidade por decisão judicial traz a possibilidade de construção de novas relações de afeto a partir deste resultado. É importante saber as repercussões do reconhecimento da paternidade nos filhos como forma de melhorar o atendimento destas pessoas e trazer uma condição de humanização na entrega do resultado do exame, pois a intenção no estabelecimento da paternidade traz implícita a possibilidade de construção de relação parental.

#### Objetivo da Pesquisa:

Conhecer as repercussões da confirmação de paternidade biológica na vida do adolescente.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

o pesquisador apresenta como:

**Riscos:**

Esta pesquisa pode ser considerada como de risco mínimo, mas existe a possibilidade de que algumas das perguntas formuladas resultarem em constrangimento. Expressamos o compromisso

Endereço: Av. São Manoel, 1700  
Cidade: Natal  
UF: CE Município: FORTALEZA CEP: 60.714-605  
Telefone: (85)2121-0888 Fax: (85)2121-0888 E-mail: uce@uece.br



Continuação do Parecer 2.08.426

de que, caso ocorra qualquer desconforto durante a entrevista, as perguntas serão interrompidas e apenas retomadas quando adequado para seu (suas) filho (s).

e como Benefícios:

Contribuir para ações efetivas que possam ser planejadas, desenvolvidas e executadas, visando o aperfeiçoamento do serviço prestado a população adolescente.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

a pesquisa propõe não apenas assegurar o conhecimento da paternidade biológica dessas crianças e adolescentes, mas também sensibilizar a todos os profissionais envolvidos que, no momento da entrega do laudo, veja a oportunidade de iniciar o estabelecimento de uma relação afetiva e não somente o ato mecânico por cumprimento de uma demanda judicial.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

apresenta todos os termos

**Recomendações:**

sem recomendações

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

sem pendências

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Typo Documento	Arquivo	Fundament	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PR_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_898108.pdf	30/05/2017 11:41:17		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativo de Assentimento	TCLE.pdf	30/05/2017 11:27:33	CARLOS JOSE MATOS FRANCO	Aceito
Curso	Carta_de_aviso.pdf	26/05/2017 09:53:07	CARLOS JOSE MATOS FRANCO	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRosto.pdf	12/04/2017 11:08:18	CARLOS JOSE MATOS FRANCO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura / Justificador	Projeto.pdf	07/04/2017 11:29:16	CARLOS JOSE MATOS FRANCO	Aceito
Curso	Termo_de_Foi_Obrigatorio.jpg	07/04/2017 11:28:09	CARLOS JOSE MATOS FRANCO	Aceito

Endereço: Av. São Manoel, 1300

Bairro: Sapori

CEP: 60.714-203

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (021)31-0800

Fax: (021)31-0800

E-mail: [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
CEARÁ - UECE



Contribuição de Passagem: 2.194,42R\$

Cursos	Termo_da_Assentimento.pdf	07/04/2017 11:25:19	CARLOS JOSE MATOS FRANCO	Aprovado
--------	---------------------------	------------------------	-----------------------------	----------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 01 de Agosto de 2017

---

Assinado por:  
**ISAAC NETO GOES DA SILVA**  
(Coordenador)

Endereço: Av. São Morgado, 1700  
Bairro: Sion  
UF: CE      Município: FORTALEZA      CEP: 80.714-000  
Telefone: (85) 3101-0000      Fax: (85) 3101-0000      E-mail: uece@uece.br

Registro nº 00